

INSTITUTO SÃO CARLOS BORROMEU

ENSINO MÉDIO

– 1º ANO –

ENSINO RELIGIOSO

VOLUME ÚNICO

Apostila do 1º ano do Ensino Médio, escrita pelo Instituto São Carlos Borromeu. O conteúdo é indicado para estudo individual domiciliar, apoio escolar ou como material didático escolar.



ENSINO RELIGIOSO



AULA 02

ESCOLA DA PERFEIÇÃO CRISTÃ

Orações iniciais, descritas no início do conteúdo desta disciplina.

Sumário: Nesta aula iremos abordar os seguintes pontos: a importância de ter um bom mestre, a boa vontade e a graça como requisitos para entrar na escola da perfeição; a essência da perfeição baseada no amor a Jesus Cristo como único Deus, Sumo Bem e Salvador; a caridade como vínculo da perfeição e a necessidade de renúncia e abnegação; São José como exemplo de amor e sua entrega total à vontade divina; a busca contínua pelo amor a Deus através da oração e do exame de consciência; a escola de perfeição cristã e o desenvolvimento da semente da santidade por meio dos sacramentos, oração e ascese. O exercício piedoso proposto ao final consiste em fazer um exame de consciência e buscar aperfeiçoamento em relação a Deus, a si mesmo e ao próximo.

PARA OBTER OS FRUTOS DESTA AULA, ESTUDAREMOS

- A importância do mestre.
- Boa vontade e busca do bem.
- Graça divina como dom imerecido.

A CARIDADE É O VÍNCULO DA PERFEIÇÃO: RENÚNCIA E ABNEGAÇÃO

- Amor como expressão da caridade.
- São José – Exemplo de amor e entrega à vontade divina.
- Sofrimento e angústia diante do mistério.
- Cumprimento da Vontade de Deus.

A ESCOLA DE PERFEIÇÃO CRISTÃ É A BUSCA CONTÍNUA PELO AMOR A DEUS

- Desenvolvimento das virtudes.
- Sacramentos.
- Ascese.

A PERFEIÇÃO CONSISTE EM AMAR A DEUS SOBRE TODAS AS COISAS E BUSCAR CUMPRIR A SUA VONTADE

A ESSÊNCIA DA PERFEIÇÃO

“Queres com plena consciência, encaminhar-te à devoção? Busca algum homem de bem que te guie e te conduza... Ele deve ser cheio de caridade, de ciência e de prudência... Trata com ele de coração aberto, com toda sinceridade e fidelidade, manifestando-lhe claramente teu bem e teu mal, sem fingimento nem dissimulação; e por este meio teu bem será examinado e mais assegurado, e teu mal será corrigido e remediado. Com isso serás aliviado e fortificado em tuas aflições, moderado e regulado em tuas consolações” (São Francisco de Sales, Introdução à vida devota, parte I, cap. IV, I, 8 e 10).



dentrar na escola da perfeição exige da parte do fiel três coisas: a primeira é um bom mestre. A segunda, a boa vontade e, a terceira, a Graça. O mestre, como disse São Francisco de Sales, é aquele que conduz a pessoa por um caminho; o caminho que almejamos é o da perfeição. Ora, o mestre é o próprio Cristo, que nos modela a Ele conforme vamos nos dispondo a ser como Ele mesmo. Nisto consiste a pedagogia dos Santos. Todos eles se modelaram a Cristo, tendo Cristo como único Senhor e Mestre.

A boa vontade é o desejo interior em fazer o bem, sujeitando-se, em tudo, àquilo que Deus quer. Por excelência, as pessoas humildes são aquelas que mais dispõem da boa vontade, pois, em tudo querem satisfazer a vontade do outro em detrimento da vontade própria. Os humildes possuem a sabedoria divina pois reconhecem sua dependência de Deus, submetendo-se a Ele. O humilde não exalta sua própria sabedoria ou conquistas, mas reconhece que tudo provém de Deus. A boa vontade, se define como uma disposição sincera e generosa de agir de acordo com a vontade de Deus e de buscar o bem dos outros. A pessoa, para ter boa vontade precisa aprender a renunciar ao egoísmo e buscar o que é justo, bondoso e benéfico para os outros.

A Graça, na ordem das coisas, é aquilo que podemos possuir de mais elevado. Ela é dada, por Deus, como favor imerecido e gratuito, ou seja, não há nada que possamos fazer para alcançá-la, pois Deus é *“compassivo e misericordioso, lento para a cólera, rico em bondade e em fidelidade”* (Ex 34, 6).

Ainda que a Graça não dependa exclusivamente de nós, ela é essencial para alcançar a bem-aventurança ou felicidade verdadeira, diz Santo Agostinho. O maior bem que podemos pedir a Deus é a graça de sermos bem-aventurados, ou seja, de encontrar a verdadeira felicidade em Deus. Para Santo Agostinho, a felicidade plena só pode ser alcançada quando a alma se volta para Deus, reconhecendo Sua soberania e buscando uma comunhão íntima com Ele.

A Graça é um tema central nas Escrituras e está presente ao longo de toda a história da Redenção. Ela é revelada de forma mais plena através de Jesus Cristo, que é descrito como

Aquele que é “cheio de graça e verdade” (João 1, 14). É através de Cristo que experimentamos a plenitude da graça de Deus.

Destacamos também a Santíssima Virgem Maria que é mencionada nas Escrituras como “cheia de graça”. No Evangelho de Lucas, no momento da anunciação, o anjo Gabriel saúda Maria com as palavras: “*Ave, cheia de graça, o Senhor é contigo*” (Lc 1, 28). Essa saudação destaca a plenitude da Graça Divina presente na vida de Maria. A Virgem foi agraciada com uma graça especial para cumprir a missão de ser a Mãe de Jesus Cristo, o Salvador do mundo. Sua concepção imaculada e sua vida dedicada a Deus a tornam um exemplo supremo de humildade, obediência e entrega total à vontade divina.

No Magnificat, temos a síntese do que estudamos até o momento:

A minha alma glorifica o Senhor.

Meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador.

Porque pôs os olhos na humildade da sua serva.

Doravante todas as gerações me proclamarão Bem-aventurada.

Porque o Todo-poderoso fez em mim maravilhas.

Santo é o seu nome.

A sua misericórdia se estende de geração em geração

sobre aqueles que o temem.

Ele manifesta maravilhas com o seu braço:

Dispersa corações orgulhosos.

Derruba o trono dos poderosos,

e exalta os humildes.

Aos famintos ele enche de bens

Despede os ricos de mãos vazias.

Socorre seu povo, seu servo,

lembrando sua própria misericórdia.

Como havia prometido aos nossos Pais,

em favor de Abraão e de sua descendência para sempre (Lc 1,46–55).

O Magnificat é uma oração de louvor e um testemunho da fé de Maria. Ele nos convida a reconhecer a grandeza de Deus em nossas vidas, a valorizar a humildade e a confiar na providência divina. É um cântico que nos inspira a responder com gratidão e entrega ao chamado de Deus, assim como Maria o fez ao se tornar a mãe de Jesus.

A graça de Deus é um dom inestimável e transformador. Ela nos liberta da condenação do pecado, nos capacita a viver em comunhão com Deus e nos oferece a esperança da vida eterna. Através da Graça, somos reconciliados com Deus e recebemos todos os bens espirituais que Ele tem para nos dar. É, portanto, a Graça, que nos santificará.

Por fim, segundo Santo Tomás de Aquino, a essência da perfeição consiste na busca da virtude e da conformidade com a vontade de Deus. Para ele, a perfeição está intrinsecamente ligada à virtude moral, que envolve a retidão de caráter e a prática do bem. Através da prática das virtudes, como a justiça, a temperança, a coragem e a prudência, a pessoa se torna mais semelhante a Deus e alcança a plenitude de sua natureza humana.

Essas virtudes são como flores plantadas na terra. Se a terra for generosa, na primavera haverá de existir as mais belas flores do jardim.

Tais virtudes são impraticáveis se a alma que as deseja não for nutrida da boa vontade ordenada pela virtude da humildade, pois a perfeição se relaciona com a busca da sabedoria divina, que envolve o conhecimento e a contemplação das verdades eternas.

A humildade é uma virtude que tempera e refreia a alma para que não busque imoderadamente as coisas elevadas. O humilde reconhece a própria pequenez, colocando-se de acordo com a própria condição e considerando os próprios defeitos. A humildade é louvável quando é genuína, enraizada no íntimo da alma, e não apenas uma manifestação externa. A virtude da humildade nos leva a nos sujeitarmos a Deus e, por consequência, a nos sujeitarmos também aos outros.

Assim, a essência da perfeição, de acordo com Santo Tomás de Aquino, está na conformidade com a vontade de Deus, no conhecimento das verdades divinas e na busca da virtude, no qual a humildade precede as demais virtudes.

EM QUE CONSISTE A SANTIDADE

Toda a santidade consiste em amar a Jesus Cristo nosso Deus, nosso Sumo Bem e Salvador. É necessário compreendermos três aspectos:

1. Jesus é nosso único Deus. Devemos outorgar a ele todos os nossos direitos. Pois como diz o apóstolo Paulo – *“Segundo a graça que Deus me deu, como sábio arquiteto lancei o fundamento, mas outro edifica sobre ele”* (1 Cor 3, 10). Ora, o fundamento é a virtude da religião, ou seja, todo o conhecimento que devemos obter de Deus e daquilo que devemos praticar. Aquele que edifica, verdadeiramente, é O Cristo.

2. Jesus é nosso único Sumo Bem. Não há outro Deus, senão o Deus que nos criou. Não há outro bem que nos favoreça senão o Deus que nos quer e nos faz todo o bem. Tudo aquilo que se apresenta, é como o pó da terra, exceto o Senhor. *“Eu sou o Senhor, sem rival, não existe outro Deus além de mim”* (Is 45, 5). É, portanto, superior, de modo incomensurável, sobre todas as coisas. Quaisquer outros bens com que o nosso coração possa vir a se alegrar, são como a palha lançada ao fogo – consomem-se rapidamente.

3. Jesus é nosso único Salvador. Jesus consumiu-se por amor, para a nossa Salvação. Aquilo que o pecado fez no homem, e, por consequência, obteve a morte eterna, Cristo refez pelo mérito de Seu Sangue derramado no madeiro. *“Em verdade, ele tomou sobre si nossas enfermidades, e carregou os nossos sofrimentos: e nós o reputávamos como um castigado, ferido por Deus e humilhado. Mas ele foi castigado por nossos crimes, e esmagado por nossas iniquidades; o castigo que nos salva”*

pesou sobre ele; fomos curados graças às suas chagas” (Is 53, 4–5). Na verdade, o castigo eterno obtido como consequência do pecado original e dos nossos pecados atuais, acarretou sobre nós a pena eterna, que culminou numa eterna dívida, impagável. Por melhores que sejam as nossas obras e mais sublimes as nossas orações, todas as nossas súplicas não merecem que o Senhor as atenda, ou somente para elas olhe, porquanto o que nós merecemos não é graça, senão castigo pelos nossos pecados. Não há outro nome que nos salve senão Jesus Cristo.

Contudo, nosso Senhor Jesus Cristo nos quer Santos e perfeitos diante d’Ele. Foi isto o que Ele fez, entregando-se por amor, na Cruz. A obra de redenção consiste na purificação que Cristo obteve para nós, lavando os nossos pecados no madeiro. Reconhecer esta obra de redenção é o primeiro passo para obtermos a graça, o segundo é agirmos em direção à cruz.

Com boa vontade e ordenados ao bem, devemos orientar as nossas vidas para a cruz. É preciso seguir fielmente o mandamento dito por Jesus no evangelho de São Mateus capítulo 5, versículo 48: “sede perfeitos assim como vosso pai Celeste é perfeito”. A perfeição, portanto, consiste em amar a Jesus Cristo – pois amando-se a Jesus Cristo, ama-se o Pai e o Espírito Santo, e isto consiste em cumprir a Sua Vontade. É o que a nossa alma deseja e rezamos, com fé e esperança, na oração que o próprio Senhor nos ensinou.

“Seja feita a Vossa Vontade, assim na Terra, como no Céu” (Mt 6, 10).

A CARIDADE É O VÍNCULO DA PERFEIÇÃO

Há algo que nos aproxima de Deus e é capaz de santificar a nossa alma: a caridade.

Para São Francisco de Sales toda a perfeição consiste em amar a Deus de todo o nosso coração. O vínculo da perfeição é aquilo que nos aproxima de Deus e que é capaz de santificar a nossa alma. *“Ainda que (eu) distribuísse todos os meus bens em sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, se não tiver caridade, de nada valerá!”* (1 Cor 13, 3). A caridade, o amor, portanto, é o vínculo da perfeição.

É o mesmo que diz Santo Agostinho: *“Ama a Deus e faz o que aprouver”*, pois o amor torna a alma dócil ao amado. Tudo aquilo que devemos fazer, portanto, é amar.

Mas é preciso refletir sobre o autêntico amor, pois nestes últimos tempos, *“ante o progresso crescente da iniquidade, a caridade de muitos esfriará”* (Mt 24, 12). Em um mundo marcado pela individualidade, pelo egoísmo e pela busca incessante de interesses pessoais, a caridade cristã é substituída pelo desinteresse, pela indiferença e pela falta de compaixão. As relações humanas são permeadas pelo espírito da antipatia, onde o espírito da soberba prevalece.

Os santos, desejosos do amor de Deus, nos ensinam a sermos transformados pela caridade e a sermos luz nas trevas. A maior expressão do amor divino na alma humana é desejar para o outro aquilo que Deus quer para ele. Diversos são os homens e mulheres que irradiaram o amor e a compaixão, exalando o agradável odor de Cristo e perfumaram até os mais fétidos corpos em decomposição.

O amor exige abnegação. Isto significa que é preciso renunciar a tudo aquilo que nos afasta do amor de Deus. A vida cristã deve ser repleta de renúncias cotidianas.

COMO TRAÇAR UM PLANO DE RENÚNCIAS DIÁRIAS?

Primeiro, faça aquilo que mais lhe desagrada. Identifique os aspectos negativos de seu temperamento, como: impulsividade, superficialidade, falta de compromisso, impaciência, irritabilidade, dominação, crítica excessiva, pessimismo, autocritica excessiva, passividade, apatia, resistência.

Procure exercitar a renúncia a essas características negativas.

Depois, busque praticar a humildade, a diligência, a paciência, a generosidade e outros valores que promovam o crescimento espiritual e o bem das pessoas ao seu redor. Lembre-se de que a transformação pessoal requer esforço e dedicação.

Essas renúncias, pouco a pouco, darão provas do amor que se tem para com Deus e para com os outros, pois o amado só compreenderá ser amado se aquele que ama entregar tudo o que possui pelo amor que se tem.

A redenção é obra do amor, que o amor produziu com o objetivo de amar. É fruto de uma entrega total, ou, como chamamos, do amor.

O amor torna a alma livre. Pois que Santo Agostinho diz: *“ama e façe o que aprouver”*. Só o amor pode gerar liberdade e intimidade entre o amante e o amado. Aquele que ama, cuidará do amado e, o amado, por sua vez, cuidará daquele que ama. Ocorre desta forma, para que o amor seja preservado. A relação entre amante–amor–amado vai muito além da satisfação dos desejos particulares, uma vez que implica em cuidado e preocupação mútuos.

Na visão de Santo Agostinho, o amante, movido pelo amor, busca o bem-estar e a felicidade do amado, priorizando o outro em vez de si mesmo. Essa atitude de desprendimento e entrega cria uma dinâmica de reciprocidade, na qual o amado, tocado pelo amor recebido, também se importa e cuida do amante. O amado, por sua vez, independe de receber este amor para amar, ama mesmo sem haver reciprocidade. Este é o amor que Deus tem para conosco.

Assim, a liberdade mencionada por Santo Agostinho não é uma ausência de limites ou responsabilidades, mas sim a capacidade de amar de maneira plena. Através do amor, a alma encontra sua verdadeira liberdade, pois é elevada além das preocupações egoístas e ligada a algo de mais valor.

Ao compreender este ponto, devemos sofrer uma dor interior, no íntimo da nossa alma, tornando-nos desejosos por amar. Pois não se ama a Deus o suficiente.

Essa relação de amor autêntico entre amante, amor e amado, quando cultivada e preservada, permite o florescimento, o crescimento espiritual e a construção de uma intimidade profunda e genuína. É uma conexão que vai além das aparências e superfícies, mergulhando na essência do ser e nutrindo a alma de ambos os envolvidos. Deus não irá aumentar a Sua Glória nem diminuí-la se O amarmos ou deixarmos de amá-Lo. O que importa é que Ele seja glorificado, pois isto parece o mais sensato a se fazer.

Quando a alma se encontra no estado de insatisfação e de uma busca contínua pelo desejo de satisfação do outro, ela (a alma) atinge um certo nível de consciência espiritual, pois

transcende as necessidades, os desejos puramente materiais e as consolações espirituais. A alma anseia por algo mais profundo.

A virtude da caridade implica a ideia do bem, pois a virtude é uma disposição do que é perfeito. Na virtude do Amor de Deus, buscar a perfeição é, sobretudo, buscar, de uma maneira perfeita, amar. Queres ser virtuoso? Busca amar a Deus com todo empenho e vigor, e quando perderes as forças durante a batalha, pede a graça de entregar todas as tuas misérias e aflições ao Senhor teu Deus. Tenha coragem! Cristo venceu o mundo (Cf. Jo 16, 33).

SÃO JOSÉ, EXEMPLO DE AMOR



Foi por amor que São José sofreu a dor ante o mistério da Encarnação do Verbo Divino. Foi também por amor que Maria concebeu pela graça do Espírito Santo. São José não podia duvidar da pureza angelical de sua virgem esposa, pois cultivava tanto o amor a Deus sobre todas as coisas, quanto o amor especial que tinha pela Santíssima Virgem Maria. Daí sua grande perplexidade quando a virgem concebeu do Espírito Santo. Quantas angústias, amarguras e lágrimas José sofreu, por receber diretamente de Deus tamanha graça: ser o guardião do Menino Jesus, da Santíssima Virgem Maria, protetor e guarda da Santa Igreja Católica. Na verdade, foi o Anjo do Senhor, que revelou a José, a Vontade Divina.

A Caridade Divina, ou o Amor, semeado no coração fértil de São José foi retribuída para Deus. No jardim do coração humilde e pequeno de José, a virtude celeste floresceu, tornando-o o grande São José, patrono da Igreja.

A caridade para com Deus, que é a boa vontade, é a rainha das virtudes. Onde ela rege, reinam todas as outras virtudes, de modo que as almas se unam mais intimamente com Deus.

Sou capaz de amar a Deus?

A esta resposta, propomos, no final desta aula, um exercício prático segundo São Francisco de Sales.

Mesmo que reconheçamos que somos incapazes de amar a Deus sobre todas as coisas, devemos nos esforçar continuamente para alcançar este amor, abnegando-nos e privando-nos de tudo aquilo que nos afaste Dele. Também, de maneira constante, devemos pedir esta graça para Deus, nas nossas orações diárias e, especialmente na meditação do Santo Rosário.

Somos incapazes de amar a Deus se Ele não nos conceder tamanha graça. Não se pode amar algo, amando outra coisa. Não se ama Deus desejando outrem. Daí a necessidade da prática.

Há duas formas práticas para alcançarmos estes benefícios espirituais. A primeira é através das nossas orações diárias. Devemos sempre pedir que Deus nos ensine a amar como Ele quer ser amado. No amor para com Deus, não há reservas. O amor consente-nos a força de praticar e sofrer tudo por Deus. A segunda é através de um contínuo exame de consciência.

Mas alguém, porém, poderá dizer: “*mas é difícil amar com tal amor*”. Responde prontamente Santo Agostinho: “*Para um grande amor nada há que seja difícil demais*”. Aquele que ama, não considera os desafios a serem superados, tampouco se abstém de amar. Simplesmente ama, porque ama. Desta forma, o amor não é um peso. É o que diz São João Crisóstomo:

“Quando o amor Divino toma posse de uma alma, nela excita um desejo insaciável de trabalhar para o objeto amado e, mesmo que tenha praticado muitas e grandes obras, mesmo que já por muito tempo se tenha consagrado ao serviço de Deus, tudo lhe parecerá pouco, ou nada. Ininterruptamente se lastimará por ter feito tão pouco por Deus e julgar-se-ia feliz, caso lhe fosse permitido poder morrer e consumir-se inteiramente por Ele. Tem-se conta de inútil, mesmo praticando tudo que está em suas próprias forças, visto ensinar-lhe o amor o que Deus merece. Ao brilho dessa luz conhece a imperfeição de suas obras e nelas só encontra motivos de dor e confusão, considerando ser insignificante tudo que faz por um Senhor tão grande”.

Quando adentramos em uma escola, naturalmente devemos aprender os princípios que regem a boa educação. Pouco a pouco vamos conhecendo os conceitos, e nossa alma vai se elevando em estatura, sabedoria e graça. Isto significa que, pouco a pouco, se nossa vontade for resoluto, ou seja, se da minha parte eu tiver a boa intenção, a inteligência buscará alcançar o estado de sabedoria. Isto somente ocorre por meio da Graça, pois não é possível que alguém alcance a sabedoria, mediante o orgulho ou a vaidade, fruto da vontade e do amor próprio. A pessoa que alcança o conhecimento através do orgulho e da vaidade, é chamada de insensata, ou tola, pois sua insensatez, ou tolice, consiste em servir única e exclusivamente a sua vontade própria. A sabedoria, ao contrário, por ser exclusivamente oriunda da Graça Divina, preenche a inteligência do homem, para que ele possa amar e servir a Deus. Este homem é chamado de sensato, prudente, justo e, em última instância, santo.

São José estudou na universidade do Espírito Santo onde alcançou o título de mestre e doutor em teologia. Sua sabedoria humana, alcançou o nível divino ao cumprir a vontade de Deus Pai, expressa pelo Anjo, manifestada na Sagrada Família.

A escola de santidade, ou escola da perfeição cristã, consiste em viver plenamente este amor.

Uma última consideração a ser feita é acerca da perfeição cristã. Deve se entender que perfeição não é o mesmo que perfeccionismo, mas santidade. A santidade é a maneira com que é expresso o amor a Deus.

Na verdade, é por meio da Graça que o homem é conduzido ao Batismo. Quando se adentra na Vida, este homem possui o gérmen, ou seja, a semente da santidade depositada

em sua alma. Mas, pela inclinação do homem ao pecado, esta semente não encontra um solo fértil, que é a alma e o corpo humano. A semente cristã não se desenvolve naturalmente. É como se se plantasse uma boa semente em uma terra infértil. São os Sacramentos, a Oração e a ascese que irão tornar a terra fértil novamente e propiciarão que a semente se desenvolva. Para que possamos ser formados pelo Mestre dos mestres, Jesus Cristo, é imprescindível sermos diligentes neste estudo.

EXERCÍCIO PIEDOSO, SEGUNDO SÃO FRANCISCO DE SALES

De joelhos, apresenta-te diante de Deus e recomenda-te à Ele para alcançar a graça. Após, não é necessário estar de joelhos para fazer os afetos.

Aconselho-te que o tomes por partes, por exemplo:

- Tomando de uma vez o que concerne com teu procedimento para com Deus;
- O que diz respeito a ti mesmo, para outra;
- Depois o que toca ao próximo;
- Por fim a consideração das paixões.

As outras partes deste exame, podes fazê-las com utilidade, mesmo na cama, se puderes estar aí algum tempo deitada sem adormecer; mas para isto é necessário que as tenhas lido atentamente. Podes fazer isto em três dias e duas noites no máximo, tomando cada dia e cada noite algum tempo para isto, conforme te for possível.

Faça este exercício em ocasiões distantes uma da outra. Em cada uma das partes do exame hás de notar bem as tuas faltas, quer para as confessar, quer para pedir conselho, quer para formar sobre elas as tuas resoluções e fortificar o teu espírito.

Durante o dia faze frequentes aspirações a Deus, a Nossa Senhora, aos anjos, a toda a Jerusalém celeste; mas dirige-as com um coração cheio de amor a Deus e de desejos de tua própria perfeição.

Para começar este exame:

1. Põe-te na presença de Deus.
2. Pede luzes ao Espírito Santo, como Santo Agostinho, que exclamava diante de Deus, em espírito de humildade:

Ó Senhor, conheça eu a Vós e conheça-me a mim mesmo!

Queira conhecer a ti mesmo unicamente para te alegrares em Deus, glorificá-Lo e agradecer-Lhe, nunca para te exaltar dos teus feitos. Se se achar abatido ou desanimado, procura te animar e melhorar, reparando as tuas faltas com a graça de Deus.

Depois disso examina tranquilamente como tem sido a tua vida para com Deus, para com o próximo e para consigo mesmo.

RESUMO

1. A escola de perfeição é um caminho de busca da santidade através da Graça Divina e da prática das virtudes.
2. O único mestre é Cristo que nos guia no caminho da perfeição.
3. A boa vontade é uma disposição sincera e generosa de agir.
4. A Graça Divina é um dom imerecido e gratuito que nos capacita a viver em comunhão com Deus, consigo e com os outros e nos oferece a esperança da vida eterna.
5. A caridade é o vínculo da perfeição.
6. Renunciar e abnegar são formas de crescimento espiritual que nos aproximam de Deus.
7. O amor para com Deus deve ser buscado através da oração, do exame de consciência e do cultivo das virtudes.
8. O exercício piedoso é uma forma de autoavaliação e crescimento espiritual.
9. A perfeição consiste em amar a Deus sobre todas as coisas e buscar a conformidade com Sua vontade.

ORAÇÃO FINAL

† Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Meu Senhor Jesus Cristo, em união com a divina intenção com a qual destes, na terra, louvor a Deus pelo Vosso Santíssimo Coração, e lho continuais a dar agora sem interrupção até a consumação dos séculos, por todo o universo, no Sacramento da Eucaristia, eu também, durante este dia todo, sem excetuar a mínima parte dele, à imitação do Santíssimo Coração da Bem-aventurada Virgem Maria Imaculada, vos ofereço com alegria todas as minhas intenções e pensamentos, todas as minhas afeições e desejos, todas as minhas obras e palavras.

São José, rogai por nós.

Ave Maria, cheia de Graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora da nossa morte. Amém.

† Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.





AULA 05

A FELICIDADE QUE A PERFEIÇÃO NOS PROPÕE

Orações iniciais, descritas conforme o início do conteúdo desta disciplina.

Sumário: Nesta aula, dedicamos especial atenção ao que constitui a verdadeira felicidade da vida humana. Nosso ponto de partida é a noção de que vivendo a felicidade nesta vida, a alcançamos pela de Deus. Por isso, a Doutrina Católica nos ensina que a verdadeira felicidade deriva da conformidade com a vontade de Deus, e a perfeição humana é o caminho para alcançá-la. Imitar a vida de Cristo é o ponto de partida. A mortificação da carne é um meio espiritual. Exemplificamos com as vidas de São João Evangelista, Santo Inácio de Loyola, Santa Teresa d'Ávila, São Francisco de Assis e Santa Bernadette Soubirous, para ilustrar a busca pela perfeição espiritual e, conseqüentemente, a felicidade. Relatamos nesta aula o episódio dos mártires de Nagasaki, destacando a firmeza na fé diante da perseguição e a glorificação no martírio. A felicidade eterna é moldada pelas escolhas e ações realizadas nesta vida terrena.

A PERFEIÇÃO DÁ-NOS A FELICIDADE NESTA VIDA E NA OUTRA

“Feliz és, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne nem o sangue que te revelou isto, mas meu Pai que está nos céus” (Mt 16, 17).



felicidade consiste em participar da natureza de Deus. Ora, sabemos que isso é possível mediante a graça, que infunde em nós o Espírito de Deus, transformando a nossa vida, preenchendo a nossa alma com os dons celestiais. Se não fosse pelo pecado que habita em nós, esse já seria o motivo suficiente para gozarmos da felicidade aqui nesta terra. Mas Deus, que sonda os corações e vê o invisível, nos preenche da graça para que alcancemos, no Céu, as alegrias e o gozo eterno: a felicidade.

A felicidade, portanto, consiste em imitar o Cristo, e ser preenchido por sua graça.

Se alguém sente o desejo de buscar a perfeição espiritual, isso é um sinal de que Deus o chama para a verdadeira felicidade. Deus sempre busca o nosso maior bem e Sua vontade é que todos se aproximem Dele e se tornem santos.

A vontade de Deus para conosco é esta: Que O amemos!

Deus tem um desejo infinito de compartilhar Sua bondade e bem-aventurança com as almas humanas. Quanto mais próximas as almas estiverem Dele, mais perfeitas e felizes se tornarão. A perfeição espiritual é o caminho para a felicidade não apenas na vida terrena, mas também na morte e na eternidade.

Todo batizado, que procura a perfeição espiritual, deve conformar a vontade humana com a vontade de Deus. Em muitos casos, aspira-se à mortificação da carne e dos sentidos, para procurar elevar o espírito. A nossa carne é frágil, e habitam em nós e fora de nós inúmeras ocasiões de pecado ao qual nos submetemos. O pecado, enraizado em nós, não encontra forças se não houver um terreno fértil. Quando nos mortificamos, eliminamos todas as forças que o pecado encontra para “crescer” dentro de nós e fazer-nos pecar. Ao contrário, se mortificamos os sentidos e o coração, por atos concretos e através da oração, impedimos que o pecado cresça em nós, e assim, não pecamos.

A felicidade é a conformidade com a vontade de Deus em meio às dificuldades da vida terrena. Os que amam a Deus, buscam cumprir a Sua Palavra, atentando-se a tudo aquilo que está escrito nos Santos Evangelhos, na Palavra de Deus, no Magistério da Igreja e na Tradição. Esta última, nos traz inúmeros exemplos de santos que permitiram Cristo vencer a carne. Muitos combateram por toda a vida, para não pecar e não entregar sua carne às tentações. Nisto encontraram enorme contentamento em viver a vida executando a vontade Deus, mesmo diante de situações adversas. Muitas destas situações impuseram dor e sofrimento aos olhos do mundo. Porém, tomados pela graça, sentiram as delícias divinas, as mesmas que Cristo sofreu na Cruz em Sua Paixão.

Os santos, quando provados agradam ao Senhor por suportar pacientemente as provações. Nada pode impedir a felicidade daqueles que buscam alinhar a sua vontade com a vontade de Deus. Essa conformação leva à realização dos mistérios da graça.

Os mistérios da graça são de números incontáveis e foram realizados por seus filhos amados. Na própria Palavra, quando Pedro e João saem do Templo, Pedro cura o paralítico (At 3, 6). Não há maior do que receber Cristo! Por isso São Pedro disse: *“Não tenho nem ouro nem prata, mas o que tenho, eu te dou: em nome de Jesus Cristo Nazareno, levanta-te e anda!”*. Ao contrário, não há maior desgraça nas nossas vidas do que rejeitar o mesmo Cristo.

Nada pode impedir a felicidade que Deus nos propõe. Veja o que São Paulo diz a respeito disso:

“Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação? A angústia? A perseguição? A fome? A nudez? O perigo? A espada? Realmente, está escrito: Por amor de ti somos entregues à morte o dia inteiro; somos tratados como gado destinado ao matadouro (Sl 43,23). Mas, em todas essas coisas, somos mais que vencedores pela virtude daquele que nos amou. Pois estou persuadido de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem o presente, nem o futuro, nem as potestades, nem as alturas, nem os abismos, nem outra qualquer criatura nos poderá apartar do amor que Deus nos testemunha em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Rm 8, 35-39).

A luz da sabedoria divina ilumina a vida de um homem santo. Ele é prudente, sensato. Suas ações e realizações refletem a justiça divina. É temperante porque a esperança o torna senhor de suas paixões e desejos. O homem santo, guiado pela luz da sabedoria divina, é corajoso diante dos desafios, pois confia na proteção e orientação de Deus. Ele é moderado em todas as suas ações, evitando excessos e impulsos desordenados, pois sabe que a verdadeira felicidade está em conformar-se com a vontade de Deus.

Além disso, a sabedoria divina concede ao homem santo a virtude da fortaleza, capacitando-o a suportar as dificuldades e adversidades da vida com serenidade e fé. Ele compreende que a vontade de Deus pode levá-lo por caminhos difíceis, mas confia que esses caminhos fazem parte do plano divino para sua santificação, expurgando-lhe tudo aquilo que não é agradável ao Senhor.

O homem justo é reto em todos os seus caminhos, por isso, ele não deixa de fixar seus olhos em Cristo, especialmente no Cristo crucificado, porque *“os que são de Jesus Cristo crucificaram a carne, com as paixões e concupiscências” (Gl 5, 24)*.

Santo Inácio de Loyola era um jovem soldado que vivia uma vida mundana. Após ser ferido em batalha, ele teve uma experiência religiosa que o levou a se converter. Inácio abandonou sua vida anterior e dedicou-se a servir a Deus e à Igreja. Disse o santo: “O Senhor me fez perceber que, para servir-lhe melhor, eu deveria renunciar a todos os meus bens e prazeres e dedicar-me inteiramente a sua obra”.

Santa Teresa d'Ávila era uma mulher de temperamento forte e independente. No entanto, ela entendeu que, para seguir a vontade de Deus, precisava renunciar à sua própria vontade. Santa Teresa passou por uma profunda transformação espiritual, tornando-se uma das maiores místicas da Igreja. Santa Teresa usou da virtude da coragem para alcançar a vontade de Deus. Disse: “É preciso que tenhamos a coragem de renunciar à nossa própria vontade, para que a vontade de Deus se manifeste em nós”.

São Francisco de Assis era um jovem rico e despreocupado. Soube viver a pobreza, entendendo-a como a maior riqueza que Cristo podia lhe dar. A graça fez com que ele decidisse viver uma vida de pobreza e simplicidade. São Francisco renunciou a todos os seus bens materiais e dedicou-se a viver a radicalidade do Evangelho. “A verdadeira riqueza é a pobreza, porque nos torna dependentes de Deus” (São Francisco).

Santa Bernadette Soubirous, era uma menina simples e humilde. No entanto, ela foi escolhida por Deus para receber as aparições da Virgem Maria. Santa Bernadette cumpriu a vontade de Deus com fidelidade, mesmo diante das dificuldades e incompreensões. Em uma entrevista concedida ao padre Peyramale, um dos sacerdotes que a acompanhou durante as aparições de Lourdes, Bernardette disse: “Acredito que a Virgem Maria me escolheu porque eu era humilde e simples. Ela sabia que eu seria fiel à sua mensagem”.

A FELICIDADE NA VIDA ETERNA

É indizível a nós, que estamos com os dois pés fincados nesta terra sabermos a respeito das delícias da vida eterna. Entretanto, a graça manifestou inúmeras ocasiões para conhecermos os bens eternos e imutáveis.

Santo Estêvão, em êxtase ante a morte disse:

“Eis que vejo” – disse ele – “os céus abertos e o Filho do Homem, de pé, à direita de Deus” (At 7, 56)

E São Paulo:

“o brilho dos celestes difere do brilho dos terrestres” (1 Cor 15, 40).

A alma que conhece a Deus e cumpre a Sua vontade, é recompensada, após o trabalho a que se empenhou durante a vida.

“Cada um receberá a sua recompensa, segundo o seu trabalho” (1 Cor 3, 8).

O homem santo é conhecido por sua constância e pelo brilho que emana da sua razão. A razão do homem, iluminada pela graça, confere a ele sabedoria, que serve ao próximo como caminho ao Senhor. A sabedoria dá estabilidade à alma enquanto que o pecado, que é volátil, confere a fragilidade e a corrupção.

O pecador, pelo contrário, tem um comportamento que muda com base em suas emoções e circunstâncias. Ele é influenciado por seu bem-estar ou mal-estar, levando-o a oscilar entre estados de ânimo, da felicidade à raiva. Em suma, é dominado por suas paixões.

O santo permanece inabalável, como o sol, independentemente das circunstâncias. Isso ocorre porque o homem santo encontra sua alegria em alinhar sua vontade com a de Deus, o que resulta em uma paz duradoura e inalterável.

“Eis que eu venho. fazer vossa vontade, meu Deus, é o que me agrada, porque vossa Lei está no íntimo de meu coração” (Sl 39(40), 8-9).

A virtude torna os homens sensíveis a Deus e resistentes às contrariedades, forjando em suas almas a paz e a tranquilidade. Este alinhamento da vontade humana com a divina gera no coração do homem o amor de Deus. São Paulo diz: *“quem nos separará do amor de Deus?”* O amor representa a felicidade que podemos alcançar nesta terra.

O trecho citado acima, da Epístola aos Romanos, capítulo 8, versículos 35 a 39, expressa a profunda confiança e a certeza do apóstolo na inabalável natureza do amor de Deus por aqueles que creem em Cristo. As perguntas retóricas do Apóstolo Paulo nos incitam a questionar-nos interiormente, incitando-nos a um exame de consciência que nos indagam: *“o que está nos separando do amor de Deus”*. Verdadeiramente nada é mais forte do que o Espírito Santo. O pecado, contudo, ofusca a luz divina que opere nas nossas almas a Sua graça.

Em meio a todas as dificuldades que podemos enfrentar, nada é maior do que o Amor de Deus, por meio da virtude daquele que nos ama. Diariamente, em nossas orações, devemos

nos convencer de que este bem é maior e melhor para nós e a felicidade é encontrada como resultado do que se vive.

Assim a felicidade eterna é o resultado daquilo que iniciamos a viver aqui nesta terra. Se não O desprezamos, O teremos em Sua totalidade. Se O desprezamos, sofreremos os amargores da derrota por toda a eternidade. Ai de nós se incorreremos a tão grande condenação! Que se afaste de nós esse veneno.

A história que narrarei a seguir, foi usada no material de Geografia, no 3º ano do Ensino Fundamental, para exemplificar a ocupação do território japonês pelos jesuítas da Companhia de Jesus no século XVI. Notemos como a graça é profusa na vida daqueles que amam a Cristo e como a “derrota” nesta vida pode se tornar a alegria da vida eterna.

SÃO PAULO MIKI E OS MÁRTIRES DE NAGASAKI



Nagasaki, situada na ilha de Kyushu, que é a terceira maior ilha do arquipélago japonês. É conhecida por sua paisagem costeira íngreme e seu porto natural, que desempenhou um papel significativo em sua história como um centro de comércio e intercâmbio cultural.

No século XVI, Nagasaki era um pequeno vilarejo de pescadores até que os portugueses chegaram em 1543, transformando-o rapidamente em um importante porto comercial e centro de atividades missionárias.

Jesus Cristo foi levado ao Japão em 15 de agosto de 1549, quando São Francisco Xavier pisou pela primeira vez o solo nipônico e começou a perfumá-lo com o doce e agradável odor do Senhor.

São Francisco Xavier era jesuíta, da Companhia de Jesus, fundada alguns anos antes por Santo Inácio de Loyola. Houveram inúmeras conversões espetaculares na terra do sol nascente. Em menos de meio século, haviam cerca de 300 mil cristãos no Império japonês, e esse número tendia a aumentar cada vez mais.

Jesus Cristo transformou a cultura nipônica de tal forma, que o brilho do Sol japonês irradiava todo o oriente. O Japão viria a ser um dos mais importantes pontos da Fé católica no século XVII.

O magnífico progresso da Missão contrastava com as enormes dificuldades encontradas diariamente. O demônio, inimigo de Cristo, muitas vezes feriu os missionários de morte. O ambiente era hostil à Fé.

Um senhor feudal, chamado Hideyoshi, submeteu toda a nação a um governo baseado na força e no combate armado. De início, Hideyoshi não perseguiu os católicos. Porém, com o passar do tempo, percebeu que seus vassalos convertidos ao Catolicismo – muitos dos quais ocupavam postos de destaque no exército – constituíam um empecilho para a realização de seus desígnios ditatoriais; e que a Lei de Deus impedia sua perversidade moral.

Em 1587 expulsando os missionários por um decreto. Os jesuítas, contudo, obedecendo às ordens da Igreja e da Lei de Deus, por prudência, não seguiram tal mandato.

No ano de 1593, os franciscanos aportaram no Japão, vindos das Filipinas, intensificando ainda mais a evangelização. Os dardos de ódio inflamados contra Cristo e lançados na direção dos missionários, fizeram florescer ainda mais a Boa Nova.

A intriga e a murmuração, típicas da cobiça e do orgulho geraram muitos inimigos da Religião Católica. Era o presságio de uma violenta perseguição do governo Imperial contra os missionários católicos.

A apreensão dominou o coração de muitos, até que em 1596, de maneira lamentável, uma galeão espanhol, um tipo de navio à vela, nomeado San Felipe, ficou sem o leme, devido a uma tempestade, vindo a afundar. A tripulação e os passageiros, missionários franciscanos vindos das Filipinas, foram salvos em pequenos barcos, assim como a carga, constituída de preciosos tecidos de seda.

Hideyoshi enviou um agente governamental, Masuda, para inspecionar e avaliar essas mercadorias. Este retornou com duas informações. A primeira, bem objetiva: o valor da carga era suficiente para revigorar as finanças do ditador. A segunda, de maneira mentirosa: o piloto do galeão lhe teria confidenciado que, nas conquistas espanholas, a pregação missionária preparava o terreno para uma invasão militar.

Esse foi o pretexto para Hideyoshi, já predisposto pelas intrigas, mudar radicalmente sua atitude para uma mais agressiva. Mandou prender os franciscanos e confiscar as mercadorias do galeão. Pouco tempo depois, ordenou o cerco das casas dos missionários em Osaka e Kyoto.

A missão franciscana tinha como centro de irradiação a Igreja de Nossa Senhora dos Anjos, em Kyoto, então Capital imperial. Lá foram presos em 2 de janeiro de 1597 os missionários: o Superior, Frei Pedro Batista; os padres Martín Loynaz de la Ascensión e

Francisco Blanco de Galicia; o clérigo Filipe de Jesús e os irmãos leigos Francisco de San Miguel e Gonçalo García. Junto com eles, quinze nipônicos convertidos, entre os quais vários catequistas e três coroinhas, chamados Luís Ibaraki, Antônio e Tomás Kozaki.

Em Osaka foram encarcerados os catequistas João de Goto e Tiago Kisai, e um noviço jesuíta chamado Paulo Miki. De senhorial origem, este último nascera em 1568 e trabalhava com o Superior Provincial em Nagasaki. Pregador exímio, fazia intenso apostolado. Mais tarde, na prisão, os três foram oficialmente recebidos na Companhia de Jesus.

Os 24 prisioneiros foram reunidos numa praça pública de Kyoto, onde os algozes cortaram a orelha esquerda de cada um deles. Em seguida, transportaram-nos, cobertos de sangue, em pequenas carroças, para serem escarnecidos pela população.

A lamentável cena das carroças carregando os bravos generais de Cristo transformou-se numa tribuna de glória. No trajeto de Kyoto a Nagasaki, os mártires eram recebidos em triunfo pelos fiéis das aldeias católicas. Inumeráveis e comoventes conversões se deram ao longo dos caminhos e dos vilarejos por onde passaram.

No dia 8 de janeiro de 1597, Hideyoshi assinou o decreto de condenação à morte desses 24 mártires da Fé, por motivos exclusivamente religiosos. A eles se juntaram mais tarde dois outros que os haviam acompanhado no trajeto.

Hanzaburo Terazawa, irmão do governador de Nagoya, recebeu de Hideyoshi a ordem de executar todos os prisioneiros e foi encontrá-los num lugarejo próximo dessa cidade.

Quando viu Luís Ibaraki, ficou em extremo embaraçado. Sentindo-se responsável pela morte de uma inocente criança, ofereceu-lhe a liberdade, se ele quisesse entrar a seu serviço. O menino deixou a decisão a cargo de Frei Pedro Batista. Este respondeu em sentido afirmativo, com a condição de que lhe fosse permitido viver como católico.

Hanzaburo não contava com essa resposta. Após alguns instantes de perplexidade, replicou que, para continuar vivo, Luís deveria renegar a Fé católica.

“Nessas condições, não vale a pena viver” – bradou o decidido coroinha. Outra forte emoção apossou-se de Hanzaburo, ao descobrir entre os prisioneiros seu velho conhecido Paulo Miki. Nos antigos tempos, ele havia assistido a algumas aulas de catecismo. Seu espírito encheu-se de amargor!

Vendo-o assim comovido, Paulo Miki aproveitou a oportunidade para lhe pedir três favores, os quais dificilmente poderiam ser negados: que a execução fosse na sexta-feira, e lhes permitisse antes confessar-se e assistir à Santa Missa. Hanzaburo consentiu, mas depois, receando a reação do tirânico Hideyoshi, voltou atrás.

Seus três pedidos não foram aceitos e, por sua ordem, ergueram-se 26 cruzes numa colina perto de Nagasaki.

Na manhã de 5 de fevereiro, a caminho do local do suplício, o catequista João de Goto viu aproximar-se seu venerável pai. Ao despedir-se, demonstrou ao filho que não havia coisa mais importante do que a salvação da alma.

Sua demonstração de fidelidade e firmeza, típicas da virtude da fortaleza, fez acrescentar ao número daqueles crucificados, ele e sua mãe, dispostos a derramar o próprio sangue por amor de Jesus Cristo.

A colina tornou-se o Calvário japonês. Os 26 mártires foram fortemente amarrados nas cruzes preparadas. Em torno deles aglomeraram-se cerca de quatro mil fiéis, muitos dos quais querendo ser também crucificados!

Os soldados pagãos foram obrigados a usar de extrema violência para conter a população sedenta pelo martírio e assim poupar as vidas desses cristãos tão profundamente tocados pela graça.

Frei Martín entoou então o Cântico de Zacarias, “Bendito seja o Senhor Deus de Israel, porque visitou e fez a redenção do seu povo”, enquanto Frei Gonçalo recitava o “Miserere”. Outros cantavam o “Te Deum”. Os padres jesuítas Francisco e Pásio, enviados pelo Provincial de Nagasaki, os exortavam a permanecer firmes na Fé.

O menino Luís Ibaraki bradou alto e com voz firme: “Paraíso! Paraíso! Jesus, Maria!” Em um instante, todos os presentes gritavam a plenos pulmões: “Jesus, Maria! Jesus, Maria!”

O primeiro a consumir o martírio foi Frei Filipe de Jesús. Seu corpo estremeceu ao receber os tremendos golpes de duas lanças que lhe perfuraram o peito, do qual jorrou o sangue copiosamente.

O pequeno coroinha Antônio pediu ao Pe. Batista para entoar o “Laudate pueri Dominum” (Louvai, meninos, ao Senhor). Este, porém, estando em profunda contemplação, nada ouvia. Antônio, então, iniciou sozinho o cântico, mas foi interrompido pelas lanças que traspassaram seu coração infantil. Do alto da cruz, o Irmão Paulo Miki não cessava de encorajar, com divina eloquência, os companheiros. Sua alma já contemplava e experimentava as doçuras do Céu.

Os golpes mortais das lanças sucederam-se, um após outro, abrindo as portas do Paraíso aos felizes mártires. O último a expirar foi o Padre Francisco Blanco.

Na tarde desse mesmo dia, o Bispo de Nagasaki e os padres jesuítas, que não puderam assistir ao martírio devido à proibição de Hanzaburo, foram venerar os corpos dos santos mártires, cujo sangue havia sido piedosamente recolhido pelos católicos, como preciosa relíquia.

Trinta anos após, em 1627, o Papa Urbano VIII reconheceu oficialmente o martírio. O Bem-Aventurado Pio IX os canonizou em 8 de junho de 1862.

A colina da execução ficou conhecida como Monte dos Mártires e tornou-se o epicentro da peregrinação. Inumeráveis outros católicos foram degolados ou queimados vivos, durante a dura e cruel perseguição que se prolongou por quatro décadas, até culminar no levante de Shimabara, em 1638, onde morreram outros 37 mil cristãos.

O brilho do cristianismo foi quase completamente apagado na terra do Sol nascente. Contudo, não se pode ofuscar para sempre a luz que provém do alto, principalmente se ela provir de Nosso Senhor Jesus Cristo.

O mundo todo jamais viria a ser o mesmo ante tanta graça concedida à cultura japonesa.

ORAÇÃO FINAL

† Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Ó Deus, força dos santos, que em Nagasaki chamastes à verdadeira vida São Paulo Miki e seus companheiros pelo martírio da cruz, concedei-nos, por sua intercessão, perseverar até a morte na fé que professamos. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

Ave Maria, cheia de Graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora da nossa morte. Amém.

† Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.

*
**



AULA 09

A PURIFICAÇÃO DO CORAÇÃO

Orações iniciais, descritas no início do conteúdo desta disciplina.

Sumário: Na aula, falaremos do pecado mortal e sua gravidade. Ele desvia o ser humano de sua finalidade última, a bem-aventurança. O pecado mortal resulta na perda da caridade e da graça santificante, excluindo a alma do Reino de Cristo e colocando-o em risco de morte eterna, no inferno. O pecado mortal gera uma propensão ao pecado e ao vício, obscurecendo a consciência e corrompendo a avaliação do bem e do mal (inteligência). A graça de Deus é o que une os fiéis em Deus e uns aos outros, e aqueles em pecado mortal estão excluídos da comunhão dos bens espirituais da Igreja. São Paulo, Santa Maria Egípcíaca e Santa Margarida de Cortona, foram apresentados para ilustrar como até os maiores pecadores podem se tornar grandes santos através do arrependimento e da graça de Deus.

O PECADO MORTAL E A PERFEIÇÃO

“E quais são os membros mortos da Igreja? Os membros mortos da Igreja são os fiéis que estão em pecado mortal (Catecismo de São Pio X, 169).”



pecado mortal é aquele que atenta gravemente contra o amor de Deus, desviando o ser humano de sua finalidade última, que é a bem-aventurança. Ele requer pleno conhecimento e pleno consentimento da pessoa. Isso significa que a pessoa que comete um pecado mortal está consciente do caráter pecaminoso do ato, de sua oposição à lei de Deus, e faz uma escolha pessoalmente deliberada para realizá-lo.

As consequências do pecado mortal incluem a perda da caridade e da graça santificante, o que leva à exclusão do Reino de Cristo e à possibilidade de morte eterna no inferno, caso o estado de graça não seja recuperado através do arrependimento e do perdão de Deus. Além disso, o pecado mortal gera uma propensão ao pecado e ao vício, obscurecendo a consciência e corrompendo a avaliação do bem e do mal.

Em via de regra, dizemos que o pecado “emburrece” a pessoa. Isto ocorre porque, em primeiro lugar, é a graça santificante que abrilhanta a alma humana, libertando-a da condição de escravo de si mesmo, ou seja, das paixões, do mundo e do demônio. Essa prisão embrutece o coração e torna-o escravo do pecado. A recíproca contrária de São Paulo é verdadeira – já

não sou eu quem vivo, mas o pecado que habita em mim me trouxe a morte – parafraseando-o. Isto significa que o pecado, quando não vencido pelo homem, traz-lhe a total escuridão, até alcançar a morte eterna. Em segundo lugar, o homem, dominado por suas paixões, que operam no campo da vontade humana, não possui inteligência suficiente para dominá-las.

A respeito disso, iremos buscar: primeiro o conhecimento, depois a prática. Parece-nos oportuno e razoável conhecer a nós mesmos e depois aprendermos a nos dominar, ou domar as nossas paixões.

Segundo o Catecismo de São Pio X, a graça de Deus é o que une os fiéis em Deus e uns aos outros. Aqueles que estão em pecado mortal, não tendo a graça de Deus, estão excluídos da comunhão dos bens espirituais.

O que são os bens espirituais da Igreja?

É a comunhão dos santos, que recitamos no Credo.

Com as palavras: na comunhão dos Santos, o nono artigo do Credo ensina-nos que na Igreja, pela íntima união que existe entre todos os seus membros, são comuns os bens espirituais, assim interiores como exteriores, que lhe pertencem.

Os bens comuns interiores na Igreja são: a graça que se recebe nos Sacramentos, a Fé, a Esperança, a Caridade, os méritos infinitos de Jesus Cristo, os méritos superabundantes da Santíssima Virgem e dos Santos, e o fruto de todas as boas obras que na mesma Igreja se realizem.

Os bens exteriores comuns na Igreja são:

- Os Sacramentos.
- O Santo Sacrifício da Missa.
- As orações públicas.
- As funções religiosas.
- E todas as outras práticas exteriores que unem entre si os fiéis.

Os cristãos que estão em pecado mortal ainda assim tiram algum proveito dos bens interiores e espirituais da Igreja, uma vez que conservam o caráter de cristãos, que é indelével, e são auxiliados pelas orações e boas obras dos fiéis, para obterem a graça da conversão a Deus.

Aqueles que estão em pecado mortal podem participar dos bens exteriores da Igreja, desde que não estejam separados da mesma Igreja pela excomunhão. A respeito destes, o próprio Catecismo de São Pio X traz uma descrição, nomeando-os como infieis.

“Os infieis são aqueles que não foram batizados e não creem em Jesus Cristo, seja porque creem e adoram falsas divindades, como os idólatras; seja porque, embora admitam o único Deus verdadeiro, não creem em Cristo, o Messias, nem como vindo na pessoa de Jesus Cristo, nem como havendo de vir ainda: tais são os maometanos e outros semelhantes”.

É sabido que os maiores pecadores podem, porventura da ação do Espírito Santo, tornar-se grandes santos. Convém que falemos destes homens e mulheres que permitiram

que a graça contrapusesse seu estado de morte. Contudo, sirva para nós estes exemplos como fonte de inspiração e de graça, porquanto nos ajude a nos converter e tornar o nosso estado de morte iminente em vida reluzente, pois como diz São João Bosco, *“outro engano é a esperança de ter uma vida longa, convertendo-se quando estiver idoso ou na hora da morte. Muito cuidado, meu filho porque muitos foram vítimas desse engano. Quem garante chegar a uma idade avançada? Seria preciso fazer um contrato com a morte; a vida e a morte estão nas mãos de Deus, que delas dispõe como melhor lhe agrada”* (O cristão bem formado).

Quando estamos em comunhão com Deus, no conjunto da Igreja, somos chamados de santos. Os membros desta comunhão são chamados Santos, porque todos são chamados à santidade, e foram santificados pelo Batismo, e muitos deles já atingiram a santidade perfeita.

Essa comunhão dos Santos estende-se também ao Céu e ao Purgatório, porque a caridade une as três Igrejas: triunfante, padecente e militante; e os Santos rogam a Deus por nós e pelas almas do Purgatório, e nós damos honra e glória aos Santos, e podemos aliviar as almas do Purgatório, aplicando, em sufrágio delas, Missas, esmolas, indulgências e outras boas obras.

Os infelizes pecadores que se compenetraram nestas verdades e quiseram seriamente converter-se, não deixaram com que os empecilhos do pecado se opusessem em obter de Deus as maiores e mais preciosas graças.

Saulo de Tarso era um fariseu zeloso que perseguia os cristãos, pelo zelo da Lei. No entanto, sua vida mudou drasticamente quando teve um encontro com Jesus Cristo no caminho para Damasco. Esse encontro o levou a uma profunda conversão e mudança de vida. Após sua conversão, São Paulo, e não mais Saulo, tornou-se um dos apóstolos mais proeminentes do cristianismo, pregando incansavelmente o Evangelho e sofrendo muitas dificuldades por causa da fé revelada.

Apesar de seu passado como perseguidor dos cristãos, São Paulo não permitiu que isso o impedisse de buscar a graça e o perdão de Deus. Pelo contrário, ele se tornou um exemplo de arrependimento e conversão, demonstrando que, mesmo os maiores pecadores, podem se tornar instrumentos nas mãos de Deus.

Santa Maria Egípcíaca é conhecida por seu notável arrependimento e conversão. A santa experimentou a morte e teve uma vida de pecado e luxúria na juventude. Segundo a tradição, ela era uma prostituta que viveu uma vida de excessos e imoralidade. No entanto, após uma peregrinação a Jerusalém, durante a festa da Exaltação da Santa Cruz, ela teve um encontro transformador com a imagem da Virgem Maria. Esse encontro a levou ao arrependimento profundo e à decisão de abandonar sua vida (morte) anterior.

Maria Egípcíaca então se retirou para o deserto da Jordânia, onde viveu uma vida de penitência, oração e ascetismo extremo por mais de 40 anos. Durante esse tempo, ela enfrentou tentações e provações, mas perseverou em sua busca por Deus.

Sua história é frequentemente contada como um exemplo do poder do arrependimento e da misericórdia de Deus, fruto da abertura de coração à graça. Santa Maria Egípcíaca é venerada como uma santa que, apesar de seu passado pecaminoso, encontrou redenção e santidade por meio de sua profunda conversão e vida de penitência.

Santa Margarida de Cortona foi uma penitente e santa franciscana que viveu no século XIII. Sua vida é uma história inspiradora de redenção e conversão.

Margarida nasceu em 1247 em Laviano, na região da Toscana, na Itália. Ela foi abandonada por seu pai quando era criança e cresceu em circunstâncias difíceis. Mais tarde, ela se tornou amante de um nobre local e teve um filho com ele. Vivía uma vida de luxo e pecado.

No entanto, tudo mudou quando o amante de Margarida foi assassinado. Esse evento a levou a uma profunda reflexão sobre sua vida e suas escolhas. Ela experimentou um arrependimento sincero e decidiu mudar seu modo de vida. Margarida retornou à sua cidade natal, Cortona, e dedicou-se à penitência e à oração.

Ela se juntou à Ordem Terceira Franciscana e viveu uma vida de pobreza, humildade e serviço aos pobres. Margarida também fundou um hospital para cuidar dos doentes e dos necessitados. Sua vida de penitência e santidade atraiu muitos seguidores e adoradores de Cristo. Margarida é lembrada por sua profunda devoção a Deus, sua generosidade para com os menos afortunados e sua capacidade de transformar sua vida de pecado em uma vida de virtude e santidade.

Santa Margarida de Cortona foi canonizada em 1728 pelo Papa Bento XIII e é celebrada pela Igreja Católica em 22 de fevereiro. Ela é venerada como padroeira das mães solteiras, das pessoas em busca de perdão e dos que sofrem tentações contra a pureza. Sua vida é um poderoso testemunho do poder transformador do arrependimento e da graça de Deus.

Santa Margarida de Cortona, admirada pelos grandes fervores que recebia de Deus, perguntou-lhe uma vez: “Mas, como é possível, Senhor, que me concedais tantas graças? Já vos esquecestes dos meus pecados? E o Senhor respondeu-lhe: ‘Não sabes então que me esqueço de todas as ofensas a mim feitas por uma alma que se arrepende dos seus pecados?’”.

Quantos bens espirituais o Senhor quer nos conceder! No entanto a nossa carne nos impede de obtê-los pelos desejos contrários a Ele que ela nos impõe.

SANTA MARIA EGIPCÍACA

A tradição nos conta que depois de levar uma vida de pecados, aos 29 anos ela teve um encontro com Cristo e mudou radicalmente de vida, passando a viver como eremita no deserto e fazendo penitências.

Santa Maria Egípcíaca viveu 47 anos no deserto, buscando viver uma vida austera de penitência e oração, até que certo dia encontrou o Abade Zózimo e contou sua história (após muita insistência do mesmo). Foi assim que a Santa respondeu ao Santo abade:

“Pai, perdoai-me, mas se vos revelar quem sou, fugireis como à vista de uma serpente e vossos ouvidos serão manchados por minhas palavras e vós sereis empestado por minha impureza.

Eu me chamo Maria e nasci no Egito. Vim para Alexandria com 12 anos de idade, e durante 17 anos aí levei má vida. Mas um dia, como alguns habitantes dessa cidade faziam



uma peregrinação para adorar a Santa Cruz, em Jerusalém, pedi aos marinheiros que me deixassem embarcar também.

E assim se fez a viagem. Mas eis que em Jerusalém, como eu me apresentasse com os outros peregrinos na porta da Igreja, senti-me repelida por uma força invisível que não me permitiu entrar no Templo.

Vinte vezes aproximei-me das portas e vinte vezes essa força invisível me reteve, enquanto que todos os outros entravam livremente, sem que nada os impedisse. De tal sorte que, voltando ao albergue, compreendi que aquilo era uma consequência da minha vida criminosa. Então comecei a ferir-me, a verter lágrimas amargas, a suspirar do mais profundo do meu coração.

Depois, vendo na parede uma imagem da Bem-aventurada Virgem Maria, supliquei-Lhe que me obtivesse o perdão dos pecados

e a permissão de entrar na igreja para adorar a Santa Cruz. Em troca, prometi renunciar ao mundo e viver na castidade.

Essa oração me deu confiança e de novo me apresentei às portas da Igreja; então pude entrar sem nenhum impedimento.

E, enquanto adorava piedosamente a Santa Cruz, um desconhecido deu-me três moedas, com as quais comprei três pães. E ouvi uma voz que dizia para atravessar o Jordão e vir para este deserto, onde vivo há 46 anos, sem jamais ter visto figura humana, alimentando-me dos três pães que trouxe comigo, os quais, tendo-se tornado duros como pedra, ainda são suficientes para minha alimentação.

Quanto aos meus vestidos, há muito que se fizeram em pedaços, e durante os primeiros 17 anos de minha permanência no deserto fui atormentada por tentações. Mas no momento, pela graça de Deus, eu as venci inteiramente. Eis minha história. Eu a contei para que peçais a Deus por mim.”

Ao ouvir esse relato, São Zózimo se prostou e começou a bendizer ao Senhor pela vida de Santa Maria Egípcíaca. Ela então disse ao Abade:

“Ouvi o que vou pedir-vos: no dia da Páscoa, atravessai novamente o Jordão, trazendo convosco uma hóstia consagrada. Eu esperarei na margem e receberei de vossas mãos o Corpo do Senhor, porque não mais comunguei, desde que aqui cheguei.”

O Abade então voltou ao mosteiro e no ano seguinte, perto da Páscoa, voltou ao deserto, perto do rio Jordão, levando a hóstia consagrada. Ele viu a Santa em pé do outro lado da margem e presenciou um milagre: após fazer o Sinal da Cruz, Santa Maria Egipciaca começou a caminhar sobre as águas até atravessar completamente o rio e chegar próximo ao abade, que atônito com o acontecimento quis se prostar aos pés da Santa, e ela então lhe disse: “Meu pai, guardai-vos de vos prosternar diante de mim, sobretudo agora que trazeis o Corpo de Cristo. Mas dignai-vos voltar ainda o ano que vem.”

Ao cabo de um ano, o Abade Zózimo voltou ao Rio Jordão, mas não a encontrou, atravessou então a margem e a encontrou morta. Ele chorou e não ousava encostar em seus restos mortais, até que leu na areia:

“Zózimo, enterrai meu corpo, dê minhas cinzas à terra e pedi por mim ao Senhor, pois fui liberta do mundo no segundo dia de abril.” O monge então abriu a cova, e voltou glorificando a Deus para o mosteiro.

ORAÇÃO FINAL

† Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Deus eterno e todo-poderoso, que no sacramento pascal restaurastes vossa aliança, reconciliando convosco a humanidade, concedei-nos realizar em nossa vida o mistério que celebramos na fé. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora de nossa morte. Amém.

† Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.





AULA 14

A MUDANÇA DE VIDA

Orações iniciais, descritas no início do conteúdo desta disciplina.

Sumário: Nesta aula abordamos alguns exercícios práticos para a conversão e a tomada de firmes propósitos. Destacamos a necessidade de evitar situações ou circunstâncias que possam levar ao pecado, ilustrando com alguns exemplos. A contrição sincera, o propósito de evitar ocasiões de pecado e a confissão genuína vislumbram alcançar a salvação. A confissão geral é um meio de renovar a vida e converter a alma a Deus, proporcionando conhecimento de si mesmo, confusão salutar diante dos próprios pecados, tranquilidade de consciência e estímulo para bons propósitos. O texto da aula orienta sobre a preparação e a realização da confissão geral, além de propor uma meditação sobre a escolha entre a vida mundana e a vida devota, seguida por uma protestação da alma a Deus para confirmar uma resolução inabalável de servi-Lo.

A CONVERSÃO E OS FIRMES PROPÓSITOS

“Entrai pela porta estreita, porque larga é a porta e espaçoso o caminho que conduzem à perdição e numerosos são os que por aí entram. Estreita, porém, é a porta e apertado o caminho da vida e raros são os que o encontram” (Mt 7, 13-14)



Evitar situações ou circunstâncias que possam levar ao pecado, é parte da rotina de um cristão. Conta-se que há uma espécie de ursos que caçam macacos: ao avistar o urso, fogem estes para as árvores. Mas que faz o urso? Deita-se debaixo da árvore e faz-se de morto. Descem os macacos com esse engano e então, de um salto, captura-os e devora-os. É assim que age o demônio. Isso nos ilustra que, a tentação, mesmo que pareça adormecida ou inofensiva, na verdade, está à espreita, pronta para nos capturar quando nos expomos ao perigo.

Uma mulher mui piedosa se ocupava em obras de caridade e, em especial, em enterrar os corpos dos Santos Mártires. Encontrando uma vez o corpo de um mártir que ainda dava sinais de vida, levou-o para sua casa, curou-o e o mártir restabeleceu-se. Mas que aconteceu? Por causa da ocasião próxima, esses dois santos – pois esse nome mereciam – primeiramente perderam a graça de Deus e depois a Fé.

Mesmo que fosse teu olho direito a causa da perdição, deverias arrancá-lo e lançá-lo longe de ti, diz o Senhor. Observa bem estas palavras: *“lança-o de ti, não debes deixá-lo perto, mas repeli-lo para longe, isto é, debes evitar por completo a ocasião”*.

Um penitente que nunca evitou seriamente as ocasiões perigosas, nas quais tem regularmente caído em pecado mortal, apesar de todas as suas confissões, deverá fazer uma confissão geral, visto terem sido inválidas as confissões feitas em tal estado, em razão da falta de propósito de evitar a ocasião próxima.

O mesmo se deve dizer a respeito dos que confessam seus pecados, mas nunca deram sinal de emenda, continuando logo depois da confissão a cometer os mesmos pecados, sem empregar nenhum meio contra a queda.

Só uma confissão geral poderá trazer-lhes garantia e tranquilidade, servindo de base para uma verdadeira emenda; feita a confissão, poderão encetar uma vida nova e perfeita, pois os maiores pecadores, como acima provamos, poderão, com a graça de Deus, alcançar a perfeição.

A CONFISSÃO GERAL

As confissões ordinárias de pessoas que levam uma vida negligente e comum são defeituosas e mal-feitas; não se preparam nada ou quase nada; não têm a contrição devida; confessam-se com uma vontade secreta de continuar a pecar, ou porque não querem evitar as ocasiões do pecado ou porque não querem envidar todos os meios necessários para emendar de vida; e nesses casos uma confissão geral torna-se necessária para assegurar a salvação.

Além disso, a confissão geral nos dá um conhecimento mais perfeito de nós mesmos; nos enche duma salutar confusão em vista de nossos pecados; livra o espírito de muitas inquietações; tranquiliza a consciência, excita-nos a bons propósitos; faz-nos admirar a misericórdia de Deus, que nos tem esperado com tanta paciência e longanimidade; abre o fundo de nossa alma aos olhos do nosso Pai espiritual, de sorte que este nos possa dar avisos mais salutareis; facilita-nos a confessar futuramente os pecados com mais confiança.

Trata-se de uma renovação completa da vida e duma conversão perfeita da alma a Deus.

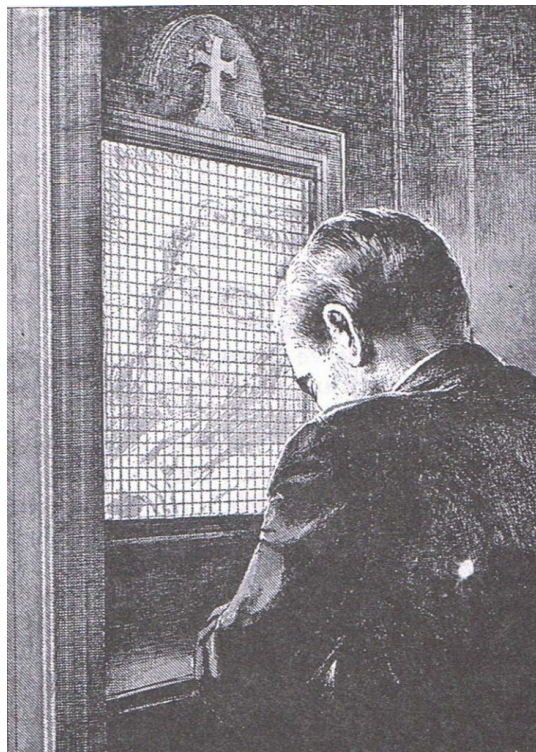
Abaixo, recomendamos algumas meditações para alcançar este bem. Depois que as tiveres realizado, determina-te então a fazer com coragem e humildade a tua confissão geral, mas toma sentido neste conselho: não deixes tua alma perturbar-se por alguma vã apreensão. Bem sabes que o óleo do escorpião é o melhor remédio contra o seu veneno; assim também a confissão do pecado é o remédio mais salutar contra o mesmo pecado; ela destrói-lhe tanto a confusão como a malícia.

Se somos verdadeiramente humildes, nossos pecados forçosamente nos desagradarão muitíssimo, porque são ofensas a Deus; ao contrário, a confissão de nossos pecados se tornará suave e consoladora, pela honra que com isso damos a Deus. É um consolo semelhante ao do doente que revela ao médico tudo o que sente.

Estando ajoelhado aos pés do teu pai espiritual, pensa que estás no Calvário, aos pés de Jesus crucificado, e que seu sangue precioso se derrama de suas feridas e, caindo em tua alma, a lava de tuas iniquidades; porque é, na verdade, a aplicação dos merecimentos do seu sangue derramado na Cruz que santifica os penitentes na confissão.

Manifesta inteiramente o teu coração ao confessor, para que o alivie de teus pecados, e o encherás ao mesmo tempo de bênçãos pelos merecimentos da paixão de Jesus Cristo. Acusa-te, com a maior simplicidade e sinceridade e tranquiliza duma vez para sempre a tua consciência, de sorte que nunca mais tenhas motivos para inquietação. Feito isso, ouve com atenção e docilidade os conselhos salutareis do ministro de Deus, e a penitência que ele achar por bem impor-te. Sim, é sem dúvida a Deus que estás então a ouvir, porque ele disse expressamente de seus ministros: “Aquele que vos ouve me ouve a mim”.

Depois de teres ouvido atentamente tudo o que ele te disser, toma à mão a protestação, depois de a teres lido e meditado antes da confissão, servirá de remate a este exercício de penitência. Recita-a com a maior atenção e compunção possível.



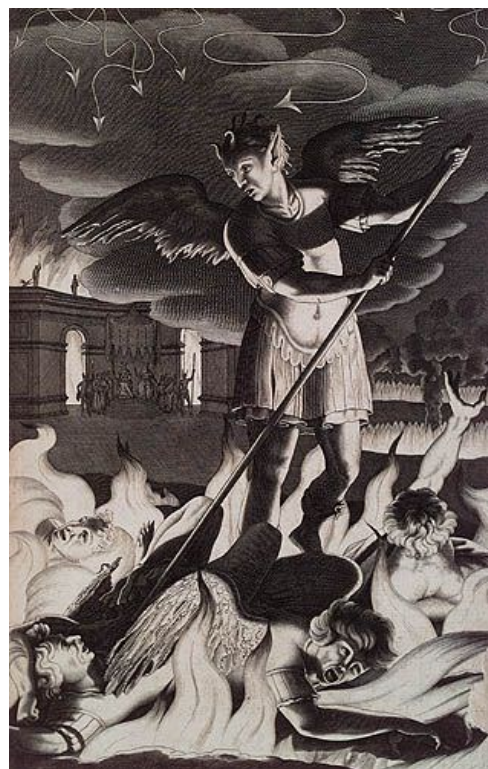
EXERCÍCIO PIEDOSO: MEDITAÇÃO PARA DELIBERAR ENTRE A VIDA MUNDANA E A VIDA DEVOTA

Preparação.

1. Põe-te na presença de Deus.
2. Implora com humildade o Seu auxílio.

Consideração.

I. Imagina que estás numa vasta região, que vês à tua esquerda o príncipe das trevas, assentado num trono muito alto e rodeado duma multidão de demônios, e que descobres ao redor desta corte infernal muitos pecadores e pecadoras, que, dominados do espírito do mundo, lhe rendem as suas homenagens. Observa com atenção todos os desventurados vassalos desse rei abominável; considera como uns estão fora de si, levados pelo espírito da cólera, da raiva e da vingança, que os torna furiosos, e como outros, dominados do espírito da preguiça, só se ocupam de frivolidades e



vaidades; aqueles, embebidos no espírito da intemperança, igualam-se a loucos e a brutos, estes, empavesados no espírito do orgulho, tornam-se homens violentos e insuportáveis; alguns, possuídos do espírito de inveja, consomem-se pesarosos e tristes, muitos são corrompidos até à podridão, pelo espírito da impureza, e muitos outros, inquietos pelo espírito da avareza, perturbam-se pela cobiça de riquezas. Considera como estão aí sem repouso e sem ordem, olha até que ponto se desprezam mutuamente, quanto se odeiam, se perseguem, se dilaceram, se destroem, se matam. Eis aí, enfim, a república do mundo, tiranizada por este rei maldito: quão infeliz e digna de compaixão!

II. Considera à tua direita a Jesus Cristo crucificado, que, com uma ternura inexprimível de compaixão e amor, apresenta a seu Pai as suas orações e o seu sangue, para obter a liberdade destes infelizes escravos, e que os convida a romper seus laços e a vir para o seu lado. Mas, principalmente, para, ao contemplar estes numerosos grupos de devotos e devotas que com os Anjos estão em torno dele. Contempla a beleza do reino da devoção; admira tantas e tantas pessoas de ambos os sexos, cujas



almas são puras e cândidas como lírios, tantas e tantas outras a quem a morte dum marido ou duma mulher tornou de novo livres em seu amor e que se consagram a Deus pela mortificação, caridade e humildade, e outras tantas, por fim, que governam a sua família no culto do verdadeiro Deus, unindo a posse dos bens com o desprendimento do coração, os cuidados da vida com os da alma, o amor que reciprocamente se prometeram com o amor a Deus, e o respeito devido com uma doce familiaridade. Presta atenção, nesta feliz companhia dos servos e das servas de Deus, à felicidade do seu estado, a esta perfeita tranquilidade da alma, a esta suavidade de espírito, a esta vivacidade de sentimentos; amam-se com um amor puro e santo; alegram-se duma alegria inalterável, mas ao mesmo tempo caritativa e regrada. Mesmo aqueles ou aquelas que sentem alguma aflição não se inquietam de todo com isso ou apenas de leve e não perdem a paz do coração. Todos eles têm assim os olhos presos em Jesus Cristo, que anseiam por ter no coração, e ele mesmo desce, por assim dizer, com os seus próprios olhos e com o seu Coração, até ao fundo de suas almas, para as iluminar, fortificar e consolar.

III. Pois bem, já há tempo que, levada pela graça, abandonaste a Satanás com os seus sequazes, pelas tuas boas resoluções; mas ainda não tiveste ânimo de te lançar aos pés de Jesus e Ele te alistar no número dos seus servos fiéis. Até aqui estiveste como que no meio de dois partidos; hoje, por fim, te deves decidir.

IV. A Santíssima Virgem, São José, São Luís, Santa Mônica e tantos mil outros que no meio do mundo formaram o reino de Jesus Cristo, te convidam a segui-los. Dá ouvidos

principalmente a Jesus, que te chamou pelo teu próprio nome e te diz: Vem, minha alma querida, vem, e eu te coroarei de glória.

Escolha.

1. Ó mundo enganador, eu te aborreço a ti e a teus seguidores. Jamais me hão de enxergar debaixo do teu jugo; para sempre reconheço a tua insensatez e digo adeus a tuas vaidades. E a ti, Satanás, espírito infernal, abominável rei do orgulho e da infelicidade, eu te renuncio para sempre, com todas as tuas pompas fúteis, e detesto tuas obras.

2. É para vós, doce e amantíssimo Jesus, Rei da bem-aventurança e da glória imortal, a quem hoje me volvo. Eu me lanço a vossos pés e os abraço com toda a minha alma, eu vos adoro de todo o meu coração, eu vos escolho para meu Rei e me submeto inteiramente a vossas santas leis. Tudo aquilo que eu tenho vos ofereço em sacrifício universal e irrevogável, que pretendo, mediante a vossa graça, manter toda a minha vida com uma fidelidade inviolável.

3. Ó Virgem Santíssima, permiti que vos escolha hoje por guia; ponho-me sob vossa proteção, devotando-vos um singular respeito e uma devoção toda especial.

Ó meu Santo Anjo, apresentai-me aos Santos e às Santas; não me abandoneis antes de me fazerdes entrar em vossa feliz companhia.

Só então, renovando e confirmando de dia em dia esta escolha, que agora faço, exclamarei eternamente, a exemplo vosso; Viva Jesus! Viva Jesus!

EXERCÍCIO PIEDOSO: PROTESTAÇÃO DA ALMA A DEUS PARA CONFIRMAR-SE NUMA RESOLUÇÃO INABALÁVEL DE SERVIR-LHE E PARA CONCLUIR OS ATOS DE PENITÊNCIA

Eu, *(escreva seu nome completo)*, abaixo assinado, muito indigna criatura de Deus, faço a protestação seguinte na presença de Sua divina majestade e de toda a corte celeste:

Depois de ter considerado bem a imensa bondade de Deus, que me criou, que me conserva e sustenta; que me livrou de tantos males e concedeu tantos benefícios; depois de ter meditado a Sua infinita misericórdia, que com tanta brandura tolerou meus pecados, que me chamou a Si tantas vezes, por inspirações tão doces e frequentes, que com tanta longanimidade esperou a minha conversão até este *(N... numeral ordinal)* ano de minha vida, apesar das muitas oposições que tenho feito, por minha ingratidão, infidelidade, retardação da penitência e desprezo de Suas graças; depois de ter considerado bem a profanação, que fiz tão repetidas vezes de minha alma e das graças que recebi no Santo Batismo, onde me devotei e consagrei a Deus, pelas promessas que então fizeram por mim; enfim, entrando em mim mesmo e com o espírito e coração consternados, perante Deus, eu me reconheço e confesso culpado e inteiramente convencido do crime que cometi, de lesar a Majestade divina e da morte de Jesus, que só suspirou na Cruz por causa de meus pecados; deste modo eu confesso que justamente mereci as penas eternas.

Mas, depois de ter detestado os meus pecados de todo o meu coração, eu me volto hoje para o trono do Pai das misericórdias, dizendo: Perdão, meu Deus, perdão. Eu Vos suplico a

remissão inteira dos meus pecados, em nome de Jesus Cristo, vosso Filho, que morreu na Cruz para me salvar. Pondo n'Ele toda a minha esperança, eu renovo hoje, ó meu Deus, a profissão de fidelidade que Vos prometi no batismo. Agora, como então, eu renuncio ao demônio, ao mundo e à carne, e detesto para o resto de meus dias todas as suas obras, com suas pompas e concupiscências, comprometendo-me a Vos servir e amar durante a minha vida, ó meu Deus, infinitamente bom e misericordioso. Sim, meu Deus, com esta intenção eu Vos consagro a minha alma com todas as suas potências, o meu coração com todos os seus afetos, o meu corpo com todos os seus sentidos, protestando firmemente que não me quero servir de nada daquilo que tenho, contra a vontade de Vossa divina majestade, e entregando-me com toda a submissão que Vos deve uma criatura fiel. Mas — ah! — se por malícia humana eu for algum dia infiel às Vossas graças e às minhas boas resoluções, eu protesto que nada negligenciarei, com a graça do Espírito Santo, para levantar-me imediatamente de minha queda.

Eis aí a minha resolução inabalável e a minha intenção para sempre irrevogável, sem reservas ou exceções de qualidade alguma. Faço esta protesta na divina presença de meu Deus, em vista da Igreja triunfante e em face da Igreja militante, minha mãe, e que a recebe agora na pessoa do seu ministro, deputado para este fim. Dignai-Vos, ó Deus eterno de bondade e misericórdia infinita, Pai, Filho e Espírito Santo, receber em odor de sua vida este sacrifício, que Vos faço, de tudo o que sou; e, como me destes a graça de vô-lo oferecer, dai-me também as graças necessárias para cumprir fielmente as suas obrigações. Ó meu Deus, vós Sois meu Deus, o Deus de meu coração, o Deus de meu espírito, o Deus de toda a minha alma; eu Vos adoro e Vos amo e por toda a eternidade Vos quero adorar e amar. Viva Jesus!

ORAÇÃO FINAL

† Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois Vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora de nossa morte. Amém.

† Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.





AULA 20

MEIOS PRÁTICOS CONTRA A TIBIEZA

Orações iniciais, descritas conforme no início do conteúdo desta disciplina.

Sumário: *A aula traz os remédios contra o pecado venial e a tibieza. A tibieza é um estado espiritual perigoso caracterizado pelo hábito do pecado venial voluntário e pela falta de esforço para superá-lo. Embora seja difícil de curar, a graça divina pode operar milagres. Os remédios são: descobrir a tibieza através de meditação e exame de consciência; retomar as práticas de piedade omitidas; agir com pureza de intenção e método; meditar diariamente; aplicar uma penitência após cada falta; praticar mortificação; preparar bem as confissões e comunhões; e desenvolver uma devoção ao Sagrado Coração de Jesus e ao Rosário de Nossa Senhora. A aula conclui com as 12 promessas do Sagrado Coração de Jesus, as jaculatórias e a ladainha ao Sagrado Coração de Jesus.*

REMÉDIOS CONTRA O PECADO VENIAL E A TIBIEZA



o que parece, a tibieza demonstra-se um mal incurável e o é realmente! Não porque haja na vida espiritual doenças incuráveis, mas porque afeta a vontade, tornando-a fraca e rebelde, surda à voz da graça. Geralmente, o tÍbio não se considera como tal. Ignora o mal que o vai perdendo. Este estado de ignorância, esta obstinação, esta cegueira que acompanham a tibieza, a fazem um mal incurável. Entretanto, a graça tudo pode! A cura da tibieza é um milagre! No mundo espiritual a graça opera milagres cotidianos. Eis alguns remédios para a salvação de uma alma tÍbia.

1. Remédio: Descobrir a tibieza. Esta descoberta se faz pela meditação e o exame de consciência. Descobrir que somos tÍbios é uma graça e das maiores, e o presságio de uma cura miraculosa. Estaremos, porém, perdidos se não agirmos logo com vigor, prontidão e energia ao fazermos esta assustadora descoberta. Ao perceber este estado de alma, logo sem demora deve-se recorrer à oração e mãos à obra.

2. Remédio: Fazer o que foi omitido e fazê-lo bem. A omissão das práticas de piedade foi a causa da tibieza. É preciso fazer sem demora, com energia, tudo o que se omitiu, custe o que custar. É difícil? Sim, mas não impossível. Experimentar pelo menos um dia de fidelidade absoluta e intransigente a todas as práticas piedosas abandonadas.

Há de se ver a dificuldade diminuir. Depois, entrar na luta contra a preguiça, a rotina, o mau hábito. Não obstante as muitas omissões, não desanimar. Nada é tão difícil como voltar à prática dos exercícios da vida espiritual, sobretudo se há muito vêm sendo omitidos. À custa

de esforço, de luta e de oração, se consegue alguma coisa. Oh! que ao menos não falte a boa vontade. Já é alguma coisa. Faça-se um pouco hoje, depois mais um pouco. Quem sabe? Coragem! Confiança!

3. Remédio: Fazer tudo com método e com pureza de intenção. Para o método, nada melhor que um bom e criterioso regulamento particular, e neste, marcar a hora da meditação e fazê-la custe o que custar. Com isso, é certo que se há de salvar o túbio. Tibieza e meditação não podem andar juntas. Uma ou outra há de perecer. *“In meditatione tua exardescet ignis”*, diz o profeta Davi. Na meditação se abrasa o fogo da caridade, que é o fervor. Da pureza de intenção já falamos. Resta praticá-la.

4. Remédio: Meditação cotidiana. Todos os outros exercícios de piedade, que o túbio recomeça quando se esforça por sair do seu lastimoso estado, têm a sua eficácia. Nenhum, porém, como a meditação. Meia hora de meditação cotidiana, bem preparada e bem feita, eis o remédio soberano e específico da tibieza. A meditação é o alimento substancial do regime a que se deve submeter a alma enfraquecida pela tibieza.

Disse, meditação bem-feita. Sim, porque a tibieza é companheira inseparável da meditação sem preparação alguma, feita às pressas, sem método, com preguiça, sonolência e má vontade. O remédio há de ser bem preparado, bem dosado e bem tomado, para que seja eficaz. Se a receita não foi observada, o remédio poderá curar? Qual método? Seja qual for: Sulpiciano, Inaciano, Afonsiano, etc...

5. Remédio: Uma penitência depois de cada falta. Examinar qual o pecado venial que me retém escravo da tibieza e castigá-lo toda vez depois de cometido. Uma penitência para cada pecado. Não o perdoar. A natureza é um cão. Ladra, ameaça quando corremos medrosos. Um gesto de energia, um grito, uma bordoadas, e ei-lo abatido, humilhado, a correr de nós. Sem penitência não se sai da tibieza. A mortificação e a meditação andam juntas e constituem aquele espírito de oração e de penitência de que nos fala o profeta.

6. Remédio: A mortificação. Custa muito, é verdade. A tibieza caracteriza-se também pelo horror ao espírito de mortificação. *“Mortificai vossos membros”*, diz o Apóstolo São Paulo, *“trazei a mortificação de Jesus Cristo em nosso corpo”* (Col 3, 5). A mortificação é a vida do Evangelho em ação e a imitação da vida de Jesus Cristo.

Querer sacrificar-se sem mortificação é querer o impossível. *“Se alguém desaprova a penitência,”* diz São João da Cruz, *“não lhe deis crédito, ainda que faça milagres”*.

As pequenas mortificações cotidianas são remédio também para as pequenas faltas cotidianas. Espírito de sacrifício no cumprimento do dever. Custa a meditação? Fazei-a por mortificação. Custa a oração um dever penoso? Custa deixar alguma sensualidade? Mortificai-vos um pouco. E vereis a transformação que em breve se fará em vossa alma. A mortificação com a oração, eis o remédio soberano da tibieza.

7. Remédio: Confissões e comunhões bem preparadas. Rigoroso exame de consciência antes da confissão. A confissão do túbio é rotineira e mal feita. Procura sempre um confessor muito brando e suave. Não gosta de uma palavra enérgica e severa no tribunal da penitência. Disfarça os seus pecados. Não procura uma sólida direção espiritual. Não

costuma ter um confessor fixo. Confessar-se não é para o tÍbio uma mudança de vida, um firme propósito de não mais pecar: é arranjar uma absolvição para poder comungar.

DaÍ almas que no mundo e na vida religiosa se confessam durante anos e anos, quase toda semana, e vivem, entretanto, no mais lamentável estado de tibieza. Ai! O Sangue de Jesus Cristo no tribunal sagrado não é aproveitado!

Depois, as comunhões sem devida preparação, sem fé, sem amor. Comunhões por rotina. Ações de graças lidas às carreiras em manuais de devoção. Nem sequer um pensamento sério, bem meditado, da Presença real de Nosso Senhor na Hóstia Consagrada! Pobre Jesus! Que sepulcros gelados não acha Ele todo dia no coração de tantas almas tÍbias!

Para sair da tibieza, a Santa Comunhão, que, no dizer do ConcÍlio de Trento, é o antídoto das faltas cotidianas, é um remédio eficaz. Mas há de ser bem preparada. A leitura espiritual, as jaculatórias, um pensamento eucarístico à noite, ao deitar, e sobretudo uma vida isenta de pecado e em luta contra o pecado, eis aí uma excelente preparação para as nossas comunhões. Tirar da rotina a confissão e a comunhão é um passo decisivo para sair da tibieza.

8. Remédio: A devoção ao Sagrado Coração de Jesus. “As almas tÍbias tornar-se-ão fervorosas”, prometeu Nosso Senhor a Santa Margarida. É o grande milagre, o perene milagre desta devoção. O Sagrado Coração é uma fornalha de amor, é fogo, e fogo puro da Divina Caridade.

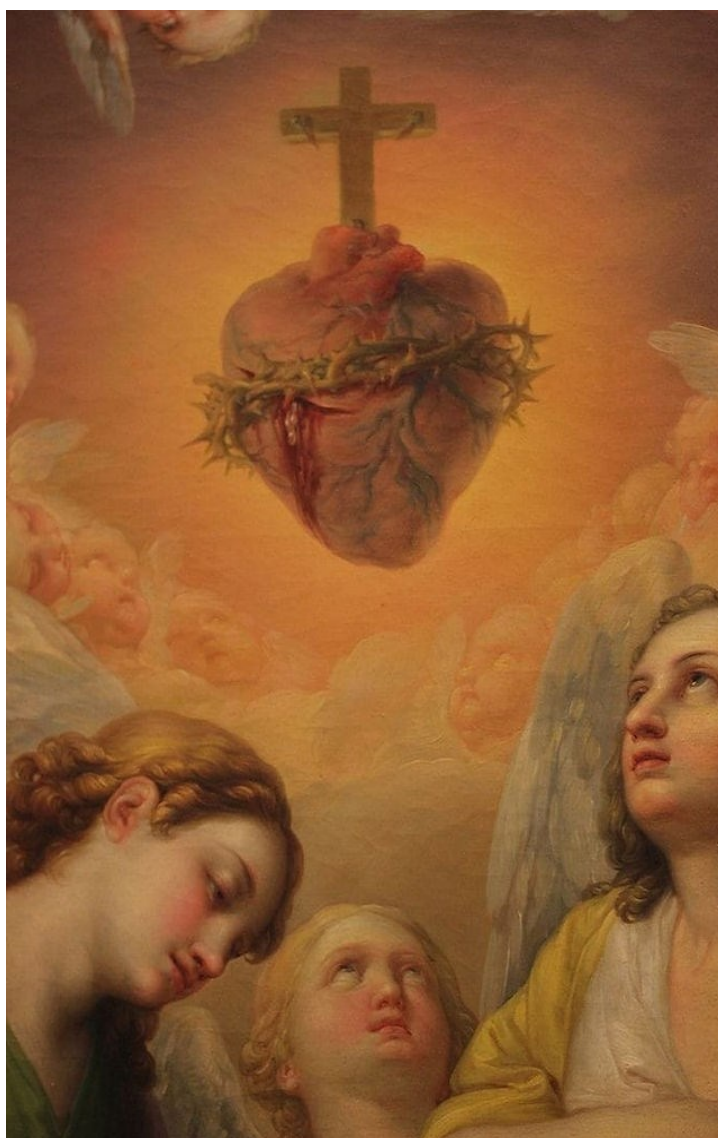
– Jaculatórias ao Divino Coração.

– A sua imagem diante de nós, conosco em toda parte.

– Falar desta devoção, propagá-la, estudá-la. Oh! não encontro meio tão eficaz e poderoso para arrancar uma alma da tibieza.

– Leituras sobre o Coração de Jesus, o Exercício da Hora Santa, a entronização. Oh! como tudo isto abrasa o coração ainda mais gelado e faz milagres de conversões.

– Tomar a peito fazer uma novena ao Sagrado Coração de Jesus, para sair da tibieza.



A devoção ao Sagrado Coração de Jesus

– Fazê-la custe o que custar com uma leitura apropriada, por exemplo: a história das Aparições a Santa Margarida Maria ou a vida desta discípula predileta do Coração de Jesus.

– Ler este livro de fogo do Pe. Mateo Crawley que eu desejava ver em muitas mãos: “Jesus, Rei de Amor”.

– E, sobretudo, mais do que tudo, ler e reler o Evangelho, as cenas tocantes do Evangelho, onde aparece, onde brilha a misericórdia do Coração de Jesus.

Oh! o nosso coração é matéria inflamável. Não resistirá muito tempo às chamas do Amor sem nelas se abrasar. E o Coração de Jesus nos põe junto ao braseiro da caridade.

Quando os judeus foram levados ao cativeiro de Babilônia, os sacerdotes esconderam o fogo sagrado num poço. De volta, Neemias só encontrou lama. Com esta, regou a lenha e as vítimas do sacrifício; e as expôs ao sol. E o sol as acendeu e queimou. Estava aceso de novo o fogo sagrado.

A nossa vida espiritual talvez era o fogo sagrado do amor no templo vivo do Divino Espírito Santo, que somos todos nós, os cristãos batizados. Lançamos este fogo no poço da tibieza e ele se fez lama. E agora? O remédio? Vamos ao sacerdote, o Neemias da Lei do Amor. Uma boa e sincera confissão. Depois, expor a lama de nossa pobre vida aos raios do sol do Coração de Jesus e pedir, rogar, bradar que ele consuma tudo e acenda de novo o fogo da caridade, o fogo sagrado sem o qual não pode viver nossa alma, templo do Espírito Santo. O sol do Coração de Jesus fará este milagre.

9. Remédio: O Rosário de Nossa Senhora. Pois já não falamos das práticas de piedade como remédio da tibieza? Porventura o rosário não é uma delas? Sim, mas é uma especialíssima devoção e vejo nela um remédio à parte, além dos mais.

Ao Bem-aventurado Alano da Rocha, como antes a São Domingos, prometeu a Virgem Santíssima muitas graças a quem rezasse o seu saltério. Entre as quinze promessas tão conhecidas para os devotos do Rosário, estão estas:

– O Rosário, disse Nossa Senhora, fará reflorescer as virtudes, fará conseguir misericórdia para as almas.

– Atrairá os corações dos homens para o céu e os levará do amor do mundo ao amor de Deus e os elevará aos desejos das coisas eternas.

Não é fervor o que nestas palavras Nossa Senhora promete aos devotos do Rosário? Recitai bem o terço, e, se possível, o Rosário todos os dias. Recitai-o como for possível, pedindo o fervor. Nossa Senhora vos concederá esta graça.

E a devoção ao Rosário é um grande sinal de predestinação, diz Nossa Senhora, na última promessa feita ao Beato Alano da Rocha. A verdadeira devoção do Rosário, tal como ela deve ser praticada, isto é, com a meditação dos mistérios, é um remédio efficacíssimo na cura da tibieza. E o é justamente porque tem um duplo caráter de oração mental e vocal. O Rosário salva os pecadores e faz o milagre de converter os túbios.

Rezai-o bem, com atenção e perseverança. Vereis que maravilhas ele realizará em vossas almas, piedosos leitores. Eis aí a terapêutica espiritual a ser empregada na gravíssima enfermidade da tibieza. Coragem, vamos aos remédios.

A enfermidade é grave, e quase incurável, sim; mas a Divina Misericórdia pôs em nossas mãos recursos para tratá-la. Diz-se que é incurável a tibieza. E é verdade, mas só quando não se empregam energicamente os meios de combatê-la.



AS 12 PROMESSAS DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

1ª “A minha bênção permanecerá sobre as casas em que se achar exposta e venerada a imagem de Meu Sagrado Coração”.

2ª “Eu darei aos devotos de Meu Coração todas as graças necessárias a seu estado”.

3ª “Estabelecerei e conservarei a paz em suas famílias”.

4ª “Eu os consolarei em todas as suas aflições”.

5ª “Serei refúgio seguro na vida e principalmente na hora da morte”.

6ª “Lançarei bênçãos abundantes sobre os seus trabalhos e empreendimentos”.

7ª “Os pecadores encontrarão, em meu Coração, fonte inesgotável de misericórdias”.

8ª “As almas túbias tornar-se-ão fervorosas pela prática dessa devoção”.

9ª “As almas fervorosas subirão, em pouco tempo, a uma alta perfeição”.

10ª “Darei aos sacerdotes que praticarem especialmente essa devoção o poder de tocar os corações mais endurecidos”.

11ª “As pessoas que propagarem esta devoção terão o seu nome inscrito para sempre no Meu Coração”.

12ª “A todos os que comunguem, nas primeiras sextas-feiras de nove meses consecutivos, darei a graça da perseverança final e da salvação eterna”.

JACULATÓRIAS AO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

- Coração de Jesus Crucificado, fonte de amor e de perdão!
- Coração de Jesus, ardente de amor por nós, inflamais os nossos corações de amor por Vós.
- Coração de Jesus, em Vós confiamos! (5 vezes)
- Coração de Jesus, fonte de toda pureza, tende piedade de nós.
- Coração Divino de Jesus, convertei os pecadores, salvai os moribundos, salvai as Almas Santas do Purgatório.
- Coração misericordioso de Jesus, tende misericórdia de nós!
- Coração sacratíssimo e misericordioso de Jesus, dai-nos a paz!
- Doce Coração de Jesus, que tanto nos amais, fazei que eu Vos ame cada vez mais.
- Doce Coração de Jesus, sede o meu amor!
- Doce Coração do meu Jesus, fazei que eu Vos ame cada vez mais.
- Jesus, manso e humilde de Coração, fazei o meu Coração semelhante ao Vosso.
- Jesus, vida eterna no seio do Pai, vida das almas feitas a Vossa semelhança, em nome do Vosso amor, fazei conhecer e revelai o Vosso Coração.
- Louvado, adorado, amado e agradecido seja a todo momento o Coração Eucarístico de Jesus, em todos os tabernáculos do mundo, até a consumação dos séculos. Assim seja.
- Sacratíssimo Coração de Jesus, protegei as nossas famílias.
- Sagrado Coração de Jesus que tanto nos amais, fazei que eu vos ame cada vez mais.
- Sagrado Coração de Jesus, chegue logo o Vosso Reino.
- Sagrado Coração de Jesus, confio em Vós.
- Sagrado Coração de Jesus, creio em Vosso amor por mim.
- Sagrado Coração de Jesus, em Vós confio.
- Sagrado Coração de Jesus, eu confio e espero em Vós.
- Tudo por Vós, ó Coração Sacratíssimo de Jesus.

LADAINHA AO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

Senhor, *tende piedade de nós.*

Jesus Cristo, *tende piedade de nós.*

Senhor, *tende piedade de nós.*

Jesus Cristo, *ouvi-nos.*

Jesus Cristo, *atendei-nos.*

Pai celeste, que sois Deus, *tende piedade de nós.*

Filho, Redentor do mundo, que sois Deus, *tende piedade de nós.*

Espírito Santo, que sois Deus, *tende piedade de nós.*

Santíssima Trindade, que sois um só Deus, *tende piedade de nós.*

Coração de Jesus, Filho do Pai eterno, *tende piedade de nós.*

Coração de Jesus, formado pelo Espírito Santo no seio da Virgem Mãe, *tende piedade de nós.*

Coração de Jesus, unido substancialmente ao Verbo de Deus, *tende piedade de nós.*

Coração de Jesus, de majestade infinita, *tende piedade de nós.*

Coração de Jesus, templo santo de Deus, *tende piedade de nós.*

Coração de Jesus, tabernáculo do Altíssimo, *tende piedade de nós.*

Coração de Jesus, casa de Deus e porta do Céu, *tende piedade de nós.*

Coração de Jesus, fornalha ardente de caridade, *tende piedade de nós.*

Coração de Jesus, receptáculo de justiça e de amor, *tende piedade de nós.*

Coração de Jesus, cheio de bondade e de amor, *tende piedade de nós.*

Coração de Jesus, abismo de todas as virtudes, *tende piedade de nós.*

Coração de Jesus, digníssimo de todo o louvor, *tende piedade de nós.*

Coração de Jesus, Rei e centro de todos os corações, *tende piedade de nós.*

Coração de Jesus, no qual estão todos os tesouros da sabedoria e ciência, *tende piedade de nós.*

Coração de Jesus, no qual habita toda a plenitude da divindade, *tende piedade de nós.*

Coração de Jesus, no qual o Pai põe todas as suas complacências, *tende piedade de nós.*

Coração de Jesus, de cuja plenitude todos nós participamos, *tende piedade de nós.*

Coração de Jesus, desejado das colinas eternas, *tende piedade de nós.*

Coração de Jesus, paciente e de muita misericórdia, *tende piedade de nós.*

Coração de Jesus, rico para todos que vos invocam, *tende piedade de nós.*

Coração de Jesus, fonte de vida e santidade, *tende piedade de nós.*

Coração de Jesus, propiciação por nossos pecados, *tende piedade de nós.*

Coração de Jesus, saturado de opróbrios, *tende piedade de nós.*

Coração de Jesus, esmagado de dor por causa dos nossos pecados, *tende piedade de nós.*

Coração de Jesus, feito obediente até a morte, *tende piedade de nós.*

Coração de Jesus, transpassado pela lança, *tende piedade de nós.*

Coração de Jesus, fonte de toda consolação, *tende piedade de nós.*

Coração de Jesus, nossa vida e ressurreição, *tende piedade de nós.*

Coração de Jesus, nossa paz e reconciliação, *tende piedade de nós.*

Coração de Jesus, vítima dos pecadores, *tende piedade de nós.*

Coração de Jesus, salvação dos que em vós esperam, *tende piedade de nós.*

Coração de Jesus, esperança dos que morrem em vós, *tende piedade de nós.*

Coração de Jesus, delícias de todos os santos, *tende piedade de nós.*

Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo, *perdoai-nos, Senhor.*

Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo, *omni-nos, Senhor.*

Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo, *tende piedade de nós, Senhor.*

V. Jesus, manso e humilde de coração,

R. *Fazei o nosso coração semelhante ao vosso.*

Oremos: Deus eterno e todo-poderoso, olhai para o Coração do vosso diletíssimo Filho e para os louvores e satisfações que Ele, em nome dos pecadores, vos tem tributado; e, deixando-vos aplacar, perdoai aos que imploram a vossa misericórdia, em nome de vosso mesmo Filho, Jesus Cristo, que convosco vive e reina na unidade do Espírito Santo. Amém.

ORAÇÃO FINAL

† Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Ó Deus, que honrastes a São Nicolau, bispo, com milagres inumeráveis, concedei-me por seus méritos e preces, que fique livre do fogo infernal. Fazei-o pelo amor de Jesus Cristo, vosso divino filho, e de Maria Santíssima, minha querida Mãe.

Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois Vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora de nossa morte. Amém.

† Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.





AULA 24

A NOITE ESCURA DOS SENTIDOS

Orações iniciais, descritas no início do conteúdo desta disciplina.

Sumário: São João da Cruz irá nos ensinar sobre os danos que os apetites desordenados causam à alma. Os apetites (paixões) cegam o entendimento e desordenam a vontade e a memória, impedindo a alma de receber a luz divina e conduzindo-a à escuridão. É preciso mortificar esses apetites para alcançar a união com Deus. Deve-se imitar a Cristo, renunciar a prazeres sensoriais que não glorificam a Deus e adotar práticas que inclinem a vontade ao difícil, ao trabalho e à desolação. A “noite escura dos sentidos” é a fase inicial desta purificação espiritual, onde a alma experimenta uma sensação de aridez e escuridão, necessitando mortificar as paixões naturais para progredir na virtude. O progresso espiritual só é possível através da renúncia dos apetites.

A CEGUEIRA E A OBSCURIDADE, POR SÃO JOÃO DA CRUZ



Um gravíssimo dano à alma é a cegueira e a obscuridade. Assim como os vapores obscurecem o ar e interceptam os raios solares, ou como um espelho embaçado não pode refletir com nitidez a imagem que lhe é apresentada, ou como a água turva não pode reproduzir distintamente os traços do rosto que nela se mira, do mesmo modo a alma, cujo entendimento é cativo dos apetites, se acha obscurecida e não permite ao sol da razão natural, nem ao sol sobrenatural, que é a Sabedoria de Deus, a liberdade de penetrá-la e iluminá-la com seus esplendores. Sobre isso, diz Davi: “*Senhorearam-me as minhas iniquidades, e eu não pude ver*” (Sl 39, 13).

Quando o entendimento é sepultado nas trevas, a vontade desfalece e a memória fica embotada. Ora, como estas duas potências dependem, em suas operações, da primeira, cegando-se o entendimento, as outras caem necessariamente na perturbação e na desordem. É assim que Davi diz: “*E a minha alma se turbou em extremo*” (Sl 6, 4). Em outros termos, suas potências estão desordenadas. Nesse estado, o entendimento, como já dissemos, não está mais apto a receber a luz da Sabedoria divina do que o ar carregado de pesados vapores para receber a luz do sol. A vontade fica impotente para abraçar em si a Deus com amor puro, assim como o espelho embaçado não pode refletir claramente a imagem que lhe é oferecida.

Menos habilidade tem ainda a memória, obscurecida pelas trevas do apetite: torna-se incapaz de se deixar penetrar tranquilamente pela imagem de Deus, como acontece com a água turva que não reproduz com nitidez o rosto de quem nela se mira.

O apetite cega e ainda obscurece a alma porque, enquanto apetite, é cego e necessita da razão como guia. Disto se depreende que, todas as vezes que a alma cede às tendências do apetite, assemelha-se ao que, tendo boa vista, se deixa guiar por quem não enxerga. Então, são dois cegos. E a palavra de Nosso Senhor, segundo São Mateus, encontra aqui a exata aplicação: *“Se um cego guia a outro cego, ambos vêm a cair no barranco”* (Mt 15, 14). Para que servem os olhos à mariposa, quando, ofuscada pela formosura da luz, precipita-se dentro da mesma chama? Assim podemos comparar quem se entrega aos seus apetites ao peixe fascinado pelo archote cuja luz antes lhe serve de trevas, impedindo-o de ver as redes armadas pelo pescador. Explica-o muito bem o Profeta em um dos seus Salmos, quando diz: *“Caiu fogo de cima e não viram o sol”* (Sl 57, 9). O apetite é verdadeiramente um fogo cujo calor aquece e cuja luz fascina; isto é, acende a concupiscência e deslumbra o entendimento de modo a esconder a luz que lhe é própria. O deslumbramento é o resultado de uma luz estranha colocada diante dos olhos. A vista recebe então a luz interposta e não vê mais a outra. Assim, o apetite cinge tão de perto a alma e se interpõe a seus olhos tão fortemente, que ela se detém nesta primeira luz, contentando-se com ela, não mais percebendo a verdadeira luz do entendimento. Só poderá vê-la novamente quando o deslumbramento do apetite desaparecer.

A ignorância de certas pessoas sobre este ponto é digna de muitas lágrimas: sobrecarregam-se de penitências excessivas e outras muitas práticas extraordinárias, de todo arbitrárias, e imaginam que somente isto basta para chegar à união com a Sabedoria divina, sem a mortificação dos seus apetites desordenados. O erro é manifesto e, a não ser que façam esforços constantes para triunfar das próprias inclinações, jamais atingirão o seu fim. Se quisessem esforçar-se por empregar, nessa renúncia dos apetites, sequer a metade do trabalho que têm nos seus muitos exercícios, em um mês lucrariam muito mais do que nestes em muitos anos. Porque, assim como é indispensável lavrar a terra para fazê-la frutificar, e sem ser lavrada só produzirá ervas daninhas, também à alma se faz necessária a mortificação dos apetites, se quiser progredir na virtude. Tudo o que empreender fora disso para conquistar o conhecimento de Deus e de si mesma, ousado dizer, será perdido, assim como a semente lançada em terra sem cultura não pode germinar. Por conseguinte, a alma permanecerá nas trevas e na incapacidade até se apagarem os apetites. Estes são como a catarata ou os argueiros nos olhos: impedem a vista até serem eliminados.

Davi, considerando, de um lado, qual a cegueira das almas cujos apetites não mortificados as privam da luz da verdade, e, de outro lado, quanto Deus se irrita com elas, lhes dirige estas palavras: *“Antes que vossos espinhos, que são os vossos apetites, entendam como vivos, Ele na sua ira os devorará”* (Sl 57, 10). Deus destruirá em sua cólera os apetites conservados vivos e que são obstáculo para o conhecimento de Deus. Ele os destruirá, já nesta vida ou na outra, com castigo e correção, isto é, pela purificação. Diz que os absorverá em sua ira, porque o sofrimento que se padece na mortificação dos apetites é o castigo do estrago causado por eles à alma.



São João da Cruz.

Oh! se os homens soubessem de quantos bens de luz divina os priva esta cegueira causada pelos seus apegos e afeições desregradas, e em quantos males e danos os fazem cair cada dia por não se quererem mortificar! Porque não há que fiar de bom entendimento, nem de dons recebidos de Deus, para julgar que deixará a alma de ficar cega e obscura, e de ir caindo de mal a pior, se tiver alguma afeição ou apetite. Poderia alguém acreditar que um varão tão perfeito e dotado dos favores do céu, como foi Salomão, viria a cair na velhice em tal desvario e endurecimento de vontade, a ponto de levantar altares a tantos ídolos e os adorar? (3 Rs 11, 4). Para isto foi suficiente aquela afeição que tinha às mulheres, e a negligência em reprimir os apetites e deleites de seu coração. Falando de si mesmo, no Eclesiastes, Salomão reconhece que assim fez, dizendo que não negou ao seu coração quanto

lhe pediu (Ecl 2, 10). E, na verdade, a princípio ele se conduziu com prudência, mas, mais tarde, por não ter renunciado aos apetites e a eles se entregar sem moderação, tornou-se pouco a pouco cego e obscurecido no entendimento a ponto de vir extinguir-se a grande luz da sabedoria com que Deus o favorecera, e, assim, na velhice, abandonou o Senhor.

Se as paixões não mortificadas tiveram tal domínio sobre quem era tão versado na ciência do bem e do mal, que será para nossa ignorância os apetites não mortificados? Neste ponto, podemos ser comparados aos ninivitas, dos quais dizia o Senhor ao Profeta Jonas: *“Não sabem distinguir entre a mão direita e a esquerda”* (Jn 4, 11). Porque tomamos a cada passo o mal por bem e o bem por mal: isto é o fruto da nossa própria colheita. Que será, então, se o apetite se juntar às trevas de nossa natural ignorância? Seremos como aqueles de quem se queixa Isaías ao dirigir-se aos homens que se divertiam em satisfazer os próprios apetites: *“Andamos como cegos apalpando as paredes, e, como se não tivéssemos olhos, fomos pelo tato, e nossa cegueira chegou ao ponto de tropeçarmos ao pino do meio-dia como em trevas”* (Is 59, 10). Tal é, com efeito, o estado de quem se deixou cegar pelos apetites: colocado em face da verdade e do dever, nada percebe, como se estivesse mergulhado na mais profunda obscuridade.

DO MODO QUE A ALMA DEVE TER PARA ENTRAR NA NOITE DO SENTIDO

O que devemos saber para podermos entrar no noite do sentido, como nos ensina São João da Cruz.

A “noite do sentido” é um conceito místico, dito por São João da Cruz. Ela é a fase de purificação e transformação espiritual no caminho para a união plena com Deus. Essa noite é a fase inicial da purificação espiritual, onde a alma passa por uma purificação das faculdades sensoriais. Nesta fase, a pessoa sente a retirada dos “prazeres sensoriais” (das paixões da carne) e de toda consolação espiritual que anteriormente experimentava. Esta retirada provoca uma sensação de aridez e escuridão, como se estivesse em uma noite escura.

Para isso, devemos observar que a alma, ordinariamente, entra nesta noite sensitiva de duas maneiras: ativa e passiva. O que pode fazer e faz por si mesma para entrar, denominamos noite ativa. Na passiva, a alma nada faz e limita-se a consentir livremente no trabalho de Deus, sob o qual se há como paciente. Essa noite é uma noite de passagem. Vamos aos conselhos práticos:

Primeiramente, tenha sempre a alma o desejo de imitar a Cristo em todas as coisas, conformando-se à sua vida que deve meditar para saber imitá-la, e agir em todas as circunstâncias como ele próprio agiria.

Em segundo lugar, para bem se haver nisto, se for oferecida aos sentidos alguma coisa de agradável que não tenda exclusivamente para a honra e a glória de Deus, renuncie e prive-se dela pelo amor de Jesus Cristo, que durante a vida, jamais teve outro gosto, nem outra coisa quis senão fazer a vontade do Pai, a que chamava sua comida e manjar. Por exemplo, se acha satisfação em ouvir coisas em que a glória de Deus não está interessada, rejeite esta satisfação e mortifique a vontade de ouvir. Se tem prazer em olhar objetos que não a levam a Deus,

afaste esse prazer e desvie os olhos. Igualmente nas conversações e em qualquer outra circunstância, deve fazer o mesmo. Em uma palavra, proceda deste modo, na medida do possível, em todas as operações dos sentidos; no caso de não ser possível, baste que a vontade não queira gozar desses atos que não levam a Deus. Desta maneira há de deixar logo mortificados e vazios de todo o gosto, e como às escuras. E com este cuidado, em breve aproveitará muito.

Para mortificar e pacificar as quatro paixões naturais que são gozo, esperança, temor e dor, de cuja concórdia e harmonia nascem inumeráveis bens, trazendo à alma grande merecimento e muitas virtudes, o remédio universal é o seguinte:

Procure sempre inclinar-se não ao mais fácil, mas ao mais difícil. Não ao mais saboroso, senão ao mais insípido. Não ao mais agradável, senão ao mais desagradável. Não ao descanso, senão ao trabalho. Não ao consolo, mas à desolação. Não ao mais alto e precioso, senão ao mais baixo e desprezível. Não a querer algo, e sim a nada querer. Não a andar buscando o melhor nas coisas temporais, mas o pior; enfim, desejando entrar por amor de Cristo na total desnudez, vazio, e pobreza de tudo quanto há no mundo.

Abrace de coração essas práticas, procurando acostumar a vontade a elas. Porque se de coração as exercitar, em pouco tempo achará nelas grande deleite e consolo, provido com ordem e discrição.

Basta observar fielmente essas máximas para entrar na noite sensitiva. Todavia, a fim de dar a esta doutrina maior desenvolvimento, proporemos outro gênero de exercícios que ensina a mortificar a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida; são três coisas que, como afirma São João, reinam no mundo, e das quais procedem todos os outros apetites desordenados.

O espiritual deve: 1. Agir em seu desprezo e desejar que os outros o desprezem. 2. Falar contra si e desejar que os outros também o façam. 3. Esforçar-se por contrariar os sentimentos de sua própria pessoa e desejar que os outros pensem do mesmo modo.

Para a conclusão destes conselhos e regras, convém repetir aqueles versos escritos na Subida do Monte que se encontram no princípio deste livro, os quais contêm a doutrina para subir a ele, isto é, para atingir o cume da união divina. Revisem a parte espiritual e interior da alma, aplicando-se também ao espírito imperfeito conforme o sensível e exterior, como se vê nas duas veredas que estão aos lados da senda estreita de perfeição. É neste último sentido que os tomaremos aqui; mais tarde, quando tratarmos da noite do espírito, aplicá-los-emos à parte espiritual.

Dizem assim:

Para chegares a saborear tudo, não queiras ter gosto em coisa alguma.

Para chegares a possuir tudo, não queiras possuir coisa alguma.

Para chegares a ser tudo, não queiras ser coisa alguma.

Para chegares a saber tudo, não queiras saber coisa alguma.

Para chegares ao que não gostas, hás de ir por onde não gostas.

Para chegares ao que não sabes, hás de ir por onde não sabes.

Para vires ao que não possuis, hás de ir por onde não possuis.

Para chegares ao que não és, hás de ir por onde não és.

Modo de não impedir o tudo:

Quando reparas em alguma coisa, deixas de arrojá-la ao tudo.

Porque para vir de todo ao tudo, hás de negar-te de todo em tudo.

E quando vieres a tudo ter, hás de tê-lo sem nada querer.

Porque se queres ter alguma coisa em tudo não tens puramente em Deus teu tesouro.

Nesta desnudez acha o espírito sua quietação e descanso, pois nada cobiçando, nada o fatiga para cima e nada o oprime para baixo, por estar no centro de sua humildade. Porque quando alguma coisa cobiça, nisto mesmo se cansa e atormenta.

ORAÇÃO FINAL

† Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Amém.

Meu Deus, no miserável estado em que me acho, reconheço que mereci ser privado da vossa graça e da vossa luz; mas vendo as luzes que agora me concedeis e ouvindo que me chamais à penitência, estou certo que não me abandonastes ainda. Já que não me haveis abandonado, Senhor, multiplicai as vossas misericórdias sobre a minha alma, aumentai a luz e aumentai em mim o desejo de Vos servir e amar. Transformai-me, ó Deus onipotente, e de traidor e rebelde, como tenho sido, fazei de mim um verdadeiro amante da vossa bondade, a fim de que chegue um dia ao céu a louvar eternamente as vossas misericórdias. Vós quereis perdoar-me e eu nada mais desejo senão o perdão e o vosso amor.

Arrependo-me, ó Bondade infinita, de Vos ter causado tantos desgostos. Amo-Vos, soberano Bem, porque mo ordenais; amo-Vos, porque sois digno de todo o amor. Suplico-Vos, meu Redentor, pelos méritos do vosso Sangue, que Vos façais amar por um pecador, que tanto tendes amado e que tantos anos sofrestes com paciência. Tudo espero da vossa misericórdia. Espero amar-vos sempre no futuro, até à morte e por toda a eternidade: *Misericordias Domini in aeternum cantabo*. Eternamente louvarei a vossa bondade, ó Jesus meu. Eternamente louvarei também a vossa misericórdia, ó Maria, que tantas graças me haveis alcançado; reconheço que as devo todas à vossa intercessão. Continuai a assistir-me, ó Senhora minha, e obtende-me a santa perseverança.

Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois Vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora da nossa morte. Amém.

† Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Amém.





AULA 27

AS TENTAÇÕES E AS VIRTUDES

Orações iniciais, descritas no início do conteúdo desta disciplina.

Sumário: *Combatemos as tentações e as paixões desordenadas para alcançar a perfeição espiritual. As tentações, quando enfrentadas com vigilância e fé, podem fortalecer a alma e aproximá-la de Deus. É perigoso dar atenção à tentação ou tentar combatê-la diretamente. A melhor estratégia é desviar a mente para pensamentos piedosos e manter-se firmemente unido a Deus através da oração, dos Sacramentos e da prática das virtudes. A necessidade de uma vida interior recolhida e sustentada pela Eucaristia e pela penitência é essencial para resistir às tentações e avançar na santidade.*

SOBRE AS TENTAÇÕES QUE PERTURBAM O EXERCÍCIO DAS VIRTUDES

“Cada um é tentado pela sua própria concupiscência, que o atrai e alicia. A concupiscência, depois de conceber, dá à luz o pecado; e o pecado, uma vez consumado, gera a morte. Não vos iludais, pois, irmãos meus muito amados. Toda dádiva boa e todo dom perfeito vêm de cima: descem do Pai das luzes, no qual não há mudança, nem mesmo aparência de instabilidade” (Tg 1, 14-17).



obre as tentações que nos perturbam no exercício das virtudes, não se deve deixar a boa obra, a pretexto dos defeitos ou dos maus motivos que podem entremear-se nela. Devemos renunciar a uns e perseverar noutros.

Todos esses princípios servirão para decidir e animar uma alma durante certas tentações e ela pode experimentar na prática do bem. O inimigo de Cristo não ousaria propor a certas almas abandonarem o exercício das virtudes que levam à perfeição. Contudo, por sua astúcia, coloca um artifício para detê-las, e para retê-las numa mediocridade que faz cair na negligência: *“todo o tempo que não é destinado aos exercícios de piedade, ele deixa as almas tranquilas; porém, mal se aplicam a esses santos exercícios, enche-lhes a imaginação de mil ideias que as atormentam”*.

Ó alma, que busca levar uma vida mais perfeita, não faças nada que desagrade ao teu Senhor. Não busque desviar-se pelo respeito humano e pela vaidade, a prática dos seus

deveres. Não aja para atrair a vã estima dos homens ou a vã complacência. Busque antes agradar em tudo a Deus no seu serviço.

Essas tentações afetam tão fortemente certas pessoas, que elas ficam fatigadas, desconcertadas com elas. Na ideia que as impressiona vivamente, de se constrangerem sem fruto e sem méritos por essa falta de pureza de intenção, elas preferem resistir a Deus; afastando-se dos exercícios de piedade; levando uma vida cheia de imperfeições e de faltas. Pelo temor do combate, omitem o bem que Deus lhes inspira. Assim, só evitam uma cilada caindo noutra.

Se a tentação sobrevém por meio das inutilidades a que a pessoa se entrega, ou até mesmo das ocupações perigosas que não competem ao seu estado de vida, não é de se duvidar que se deva renunciar a elas, para não se expor mais ao perigo, pois só se queima no fogo quem mete-lhe a mão. *“Quem abre a cova cairá nela; e a pedra cairá sobre aquele que a rolou”* (Pr 26, 27).

Convém reiterar que a tentação por si só não é um mal, mas é mal faltar aos próprios deveres daquilo que Deus exige. Se a alma fiel se deixa guiar por essa aflição e, por isso, abandona seus exercícios de piedade, é infiel. Priva-se do socorro que faria ao progredir na perfeição e dá ao inimigo um meio seguro para abandonar sucessivamente tudo o que é de obrigação. O inimigo fará uso dessa vitória para fazê-la negligenciar nas práticas da religião, dos Sacramentos e de tudo o que pode nutrir a piedade. Uma alma neste estado, sem ânimo e sem força, não ousa haurir na oração e na mortificação. Sem tais meios para se sustentar, ela resistirá aos assaltos que o inimigo poderá desferir?

Assim, a alma virtuosa tirará o bem do mal: fará servir à sua santificação aquilo que era preparado para a sua perdição.

NÃO SE DEVE DISCUTIR COM A TENTAÇÃO

Há potências que não poderemos vencer se não as atacarmos diretamente, seguindo uma conduta oposta à que elas sugerem. São desse número as que vêm do fundo da índole que se não domou. Se uma pessoa é sujeita à vaidade, à cólera, à sensibilidade, à antipatia, não superará essas paixões senão praticando nas ocasiões oportunas as virtudes que lhes são diretamente opostas. Não somente deve renunciar aos sentimentos que essas paixões lhe inspiram, mas deve também agir para mortificá-las.

São Francisco, dedicou-se aos leprosos vivendo com eles, a todos servindo por amor a Deus. Lavava-lhes os pés, tratava-lhes as feridas, retirava-lhes os pedaços de carne podre, fazia parar o pus; em sua extraordinária devoção, chegava mesmo a beijar-lhes as chagas purulentas. Diz São Boaventura:

“Nele (em São Francisco) podemos contemplar a superabundante misericórdia divina, ao mesmo tempo que somos incitados a renunciar à impiedade e à concupiscência deste mundo, experimentando com insaciável desejo uma sede de viver em conformidade com Cristo e com a santa Esperança. Verdadeiramente pobre e penitente era ele, mas o Deus altíssimo voltou-se para sua pessoa com tão benigna

condescendência, que não só o erguen do pó da indigência e da vida mundana, como também o constituiu discípulo, guia e arauto da perfeição evangélica. Como um luzeiro erguen-o para todos os que creem, a fim de que, dando ele próprio testemunho da luz, preparasse ao Senhor os corações dos fiéis nas veredas da luz e da paz. Como estrela d'alva que brilha entre as nuvens, ele orientou para a luz, com o clarão de sua vida e doutrina, aqueles que jaziam nas trevas e na sombra da morte. E como o arco-íris refulge entre as nuvens luminosas, mensageiro da verdadeira paz, portador do sinal de nossa aliança com o Senhor, anunciou aos homens a paz e a salvação, e foi designado por Deus, à imagem e semelhança do precursor, para que, preparando no deserto o caminho da mais alta pobreza, pregasse a penitência pelo exemplo e pela palavra” (Legenda Maior).

Se se contentar em evitar certas ocasiões, não destruirá os sentimentos desregrados, e nas ocasiões em que não as puder evitar, sucumbirá. É praticando a humildade e a doçura, é renunciando-se a si mesmo, é indo ao encontro das pessoas contra quem se têm prevenções, é deste modo que se vibram nessas paixões golpes eficazes e poderosos que asseguram a derrota delas, e que dão uma vitória completa àquele que combate fielmente em todos os ataques.

Certas almas, em vez de ignorarem ou afastarem-se rapidamente da tentação, acabam se envolvendo em longas e desgastantes discussões internas, tentando justificar ou combater diretamente os pensamentos ou sentimentos tentadores. Essa atitude é perigosa e inútil, pois prolonga o sofrimento e pode intensificar a tentação. Em vez de superar rapidamente o desafio, acabam criando um “*combate*” desnecessário que poderia ter sido evitado com uma simples rejeição imediata da tentação. É grave o perigo ao se envolver demais com as tentações, especialmente quando estas envolvem dúvidas contra a fé, a esperança ou a caridade, pois isso só aumenta o sofrimento e o risco espiritual.

Quando se enfrenta diretamente uma tentação ou se a analisa exaustivamente, especialmente em situações em que as dificuldades são complexas ou envolvem questões que lisonjeiam o ego e os desejos naturais, pode haver uma derrota espiritual. Eva, no Jardim do Éden, caiu em tentação ao dialogar com a serpente. Quando a tentação atinge a alma por meio dos sentidos, oferecendo algo que agrada a natureza humana, ela provoca uma forte impressão. Se a resposta a essa tentação não for imediata e firme, e se a pessoa não tiver uma fé viva para resistir, essa resistência se torna fraca. Ao dar atenção à tentação e tentar combatê-la intelectualmente ou racionalmente, a alma acaba alimentando a tentação, tornando-a mais poderosa e difícil de resistir. Isso pode levar a uma sensação constante de consentimento com a tentação, o que causa grande perturbação e confusão na alma. Por isso, o confronto direto com a tentação, especialmente quando se tenta racionalizá-la ou compreendê-la profundamente, é perigoso e pode enfraquecer a resistência espiritual, levando à queda.

Não há meio mais seguro para se colocar fora de alcance do que desviar sem demora a mente dessas ideias, ligando o coração aos inúmeros sentimentos de piedade. Se há na mente pensamentos que não dependem da vontade, a vontade também pode obrigar a mente a ocupar-se de certos objetos que a desviem daqueles que a tentação lhe apresenta. Cada um deve apegar-se àquilo que ordinariamente mais o sensibiliza ou impressiona.

Aqueles que são sensíveis aos sofrimentos de Cristo na Cruz, devem se colocar ao pé da Cruz de Cristo, meditando que, pelo sacrifício da Sua vida infinitamente preciosa, expiou os pecados. Concebe-se um vivo pesar das faltas e das infidelidades e um grande horror a tudo que possa, de novo, crucificar no seu coração o bom Mestre. Outros, retiram-se, por pensamento, ao Sagrado Coração de Jesus, cujo socorro e misericórdia imploram. Penetram, por assim dizer, os mais vivos sentimentos de bondade e de compaixão que o divino Salvador teve por eles para exercitar a gratidão e a confiança. Outros ainda, servem-se de sentimentos admiráveis evocados pela divina Eucaristia que desvia o coração de tudo aquilo que possa ofender a um Deus tão bom. Há aqueles que se colocam no momento em que prestarão contas a Deus de todo o curso de sua vida. Em todos estes, seus corações tornam-se insensíveis aos objetos da tentação e sua mente não se ocupa mais deles.

São poucas as tentações que resistem muito tempo numa alma inflamada pela paixão e sem dar valor a tais sentimentos. São ainda mais animadas por uma viva confiança em Deus quando imploram o socorro sob a proteção da Santíssima Virgem. Este exercício do amor de Deus, enquanto durar o ataque, é a defesa mais segura do coração.

O coração nunca será forçado enquanto se mantiver apegado a Deus por esse sentimento. Para tornar esse sentimento mais forte e mais duradouro, aplique a mente à consideração dos motivos que devem alimentá-lo e aumentá-lo. *“Sede submissos a Deus. Resisti ao demônio, e ele fugirá para longe de vós”* (Tg 4, 7).

Finalmente, afasta da mente ou do coração toda ideia e sentimento que põe em perigo. Afaste-se daquilo que lhe exporá ao risco. Mais seguramente conseguimos isso dando outro curso, outra ocupação. Há certas ocasiões que, quando as tentações são fortes, é oportuno distrair-se, ocupando-se de alguma obra do corpo ou de afazeres. Essas ocupações afastam da alma objetos que a afligem e proporcionam tranquilidade. Quando a calma volta, a mente e o coração elevam-se a Deus com mais liberdade, prendem-se a Ele com muito mais força.

AS TENTAÇÕES VIOLENTAS

Num combate, vence aquele que está mais preparado, quem não deixa as forças se abalarem, que resiste aos primeiros ataques e põe sua confiança em Deus. Se a mente e o coração são perturbados pelo temor, não há nada que se apegue para se sustentar. A mente perturbada escurece as verdadeiras luzes da razão. É comum, quando se perde tal controle, fiar-se na vã confiança de si mesmo, pois neste estado não se pensa em procurar socorro. O coração não sabe a que se resolver já que a mente não lhe apresenta nada capaz de animá-lo.

Observa esse homem diante de tal perigo dum ataque imprevisto. Dão-se lhe os meios para sair, mas ele não enxerga. Tem as armas junto de si, mas as procura sem encontrar. Por isso, quando o inimigo vier, esteja preparado para recebê-lo com segurança, tomando as medidas necessárias para aparar os golpes, buscando enxergar o melhor meio para vencê-lo, com liberdade e vantagem. Ninguém, que se encontra preparado, fica perturbado. É verdade que o demônio, pode sugerir tudo aquilo que tem de mais perverso — com armas e golpes violentos e imundos — mas não pode obrigar a consentir nisso. O consentimento não

depende do inimigo, mas somente de ti. Por mais assustador que pareça, podes sempre recusar consentir, com o auxílio oportuno da graça. Resista, e nada terá a temer de um inimigo que só pode vencer quando você quiser.

Esta segurança reside na confiança em Deus e no desconfiar de si mesmo. Uma alma desanimada na tentação é uma alma meio vencida. Ela faz nada além do que fracos esforços, não se sustém em graças particulares e sequer pensa em pedir outras graças. Ora, o amor de Deus não é mais forte que a morte? Quem ousaria duvidar do poder de Deus? Mas a alma fraca duvida. O bom Deus quer sustentá-la, mas ela fia-se em suas forças miseráveis. Pedro, andando sobre as águas por ordem de Jesus Cristo, começou a afundar assim que faltou à fé e à confiança (Mt 14, 31), e só foi salvo pela volta desse sentimento, que lhe atraiu a proteção do seu divino Mestre.

Nas tentações violentas, esteja atento aos primeiros botes da paixão, impeça os primeiros movimentos. Se a imaginação tiver tempo suficiente (ao qual já falamos anteriormente) para se “esquentar”, e consequentemente dando tempo para que o coração se prenda ao objeto, irá se enfraquecer mais ainda e é quase certa a derrota. A paixão tratada com considerações, é como uma bandeira hasteada no topo de um mastro. No início, era apenas uma faísca. Com o tempo, por negligência, torna-se um abrasamento que invade todas as potências da alma, dominando-as. Este conselho é ainda mais necessário quando as tentações produzem imagens nos sentidos. A diligência em precaver este perigo teria preservado da tentação ou teria assegurado a proteção de Deus para sair dela sem receber o ferimento.

Quando a alma ainda é como uma criança, deve-se buscar revelar ao confessor as tentações logo quando se iniciam. Desta forma se aprende a maneira de como combatê-las e se desfaz delas mais facilmente. Esse ato de humildade e de simplicidade cristã atrai graças particulares do Céu. Uma alma que se conduz pela obediência, merece que o Senhor se interesse especialmente por ela nas suas penas. Por isso, pouco a pouco, essas tentações não causam mais perturbações, uma vez reveladas ao ministro do Senhor, no Sacramento. Se as calarmos, crendo vãmente que elas passarão, ordinariamente lhes damos tempo para se fortificarem ao ponto de se tornarem difíceis de vencer.

AS TENTAÇÕES FREQUENTES: É NO INTERVALO DE PAZ QUE NOS PREPARAMOS PARA A GUERRA

Quando somos expostos a tentações frequentes, devemos, no tempo da calma, premunir-nos contra os ataques delas, haurindo forças para resistir. Aquele que espera pelo momento do combate, infalivelmente é surpreendido e logo vencido. É no tempo de paz que nos preparamos para a guerra!

Vejamos o que diz São Luís Maria Grignon de Montfort:

“Deus quer, finalmente, que sua Mãe Santíssima seja agora mais conhecida, mais amada, mais honrada, como jamais o foi. E isto acontecerá, sem dúvida, se os predestinados puserem em uso, com o auxílio do Espírito Santo, a prática interior e

perfeita que lhes indico a seguir. E, se a observarem com fidelidade, verão, então, claramente, quanto lho permite a fé, esta bela estrela do mar, e chegarão a bom porto, tendo vencido as tempestades e os piratas” (Tratado, 55).

Observe bem, que no Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem Maria, São Luís nos indica um *“caminho fácil, curto, perfeito e seguro para chegar à união com Nosso Senhor, e nisto consiste a perfeição do cristão”*. A preparação para esse combate consiste numa vida recolhida, interior. Uma alma não presta atenção, a princípio, em todas as coisas que se passam no seu coração. Por isso, a devoção interior — especialmente à Virgem Maria Santíssima — nos leva a um porto seguro, *“tendo vencido as tempestades e os piratas”*. Eis o motivo da prática interior da devoção:

“Conhecerão as grandezas desta soberana e se consagrarão inteiramente a seu serviço, como súditos e escravos de amor. Experimentarão suas doçuras e bondades maternas a amá-la-ão ternamente como seus filhos estremecidos. Conhecerão as misericórdias de que ela é cheia e a necessidade que têm de seu auxílio, e há de recorrer a ela em todas as circunstâncias como à sua querida advogada e medianeira junto de Jesus Cristo. Reconhecerão que ela é o meio mais seguro, fácil, mais rápido e mais perfeito de chegar a Jesus Cristo, e se lhe entregarão de corpo e alma, sem restrições, para assim também pertencerem a Jesus Cristo” (idem).

A tentação, no entanto, faz progressos antes que a mente esteja em estado de renunciá-lhe. Ocupada com inutilidades, a mente custa a refletir seriamente sobre os motivos da Religião que podem contrabalançar o atrativo da paixão. Ao contrário, no recolhimento da alma, estando ocupada de Deus e de bons sentimentos, de longe vê o inimigo a caminho. Mas quem encontrará? Uma alma pueril ou fortificada por Deus e abrasada pela escravidão à Santíssima Virgem? Para responder tal pergunta, concluímos o trecho de São Luís:

“Mas quem serão esses servidores, esses escravos e filhos de Maria? Serão ministros do Senhor ardendo em chamas abrasadoras, que lançarão por toda a parte o fogo do divino amor. Serão flechas agudas nas mãos de Maria (Cf. Sl 126, 4) toda poderosa, pronta a traspassar seus inimigos. Serão filhos de Levi, bem purificados no fogo das grandes tribulações, e bem colados a Deus, que levarão o ouro do amor no coração, o incenso da oração no espírito, e a mirra da mortificação no corpo e que serão em toda parte para os pobres e os pequenos o bom odor de Jesus Cristo, e para os grandes, os ricos e os orgulhosos do mundo, um odor repugnante de morte.

Serão nuvens trovejantes esvoaçando pelo ar ao menor sopro do Espírito Santo, que, sem apegar-se a coisa alguma nem se admirar de nada, nem preocupar-se, derramarão a chuva da palavra de Deus e da vida eterna. Trovejarão contra o pecado, e lançarão brados contra o mundo, fustigarão o demônio e seus asseclas, e, para a vida ou para a morte, traspassarão lado a lado, com a espada de dois gumes da palavra de Deus (Cf. Ef 6, 17), todos aqueles a quem forem enviados da parte do Altíssimo.

Serão verdadeiros apóstolos dos últimos tempos, e o Senhor das virtudes lhes dará a palavra e a força para fazer maravilhas e alcançar vitórias gloriosas sobre seus inimigos; dormirão sem ouro nem prata, e, o que é melhor, sem preocupações no meio dos outros padres, eclesiásticos e clérigos (Cf. Sl 67, 14) e, no entanto, possuirão as asas prateadas da pomba, para voar, com a pura intenção da glória de Deus e da salvação das almas, aonde os chamar o Espírito Santo, deixando após si, nos lugares em que pregarem, o ouro da caridade que é o cumprimento da lei (Rm 13, 10).

Sabemos, enfim, que serão verdadeiros discípulos de Jesus Cristo, andando nas pegadas da pobreza e humildade, do desprezo do mundo e caridade, ensinado o caminho estreito de Deus na pura verdade, conforme o santo Evangelho, e não pelas máximas do mundo, sem se preocupar nem fazer acepção de pessoa alguma, sem poupar, escutar ou temer nenhum mortal, por poderoso que seja. Terão na boca a espada de dois gumes da palavra de Deus; em seus ombros ostentarão o estandarte ensanguentado da cruz, na direita, o crucifixo, na esquerda o rosário, no coração os nomes sagrados de Jesus e de Maria, e, em toda a sua conduta, a modéstia e a mortificação de Jesus Cristo.

Eis os grandes homens que hão de vir, suscitados por Maria, em obediência às ordens do Altíssimo, para que o seu império se estenda sobre o império dos ímpios, dos idólatras e dos maometanos. Quando e como acontecerá?... Só Deus o sabe!... Quanto a nós, cumpre calarmos, orar, suspirar e esperar (Sl 39, 2)”.

Por isso, premune sua mente e seu coração com as armas prontas para combater o mal com êxito. A mente ocupada das verdades da Fé e o coração apegado à virtude pelos sentimentos habituais que o guiam, dificilmente se abalará pelas falsas satisfações que a paixão apresenta. A oração assídua, a proteção que reclamamos dos Santos, e sobretudo da Mãe de Deus, abrem os tesouros do céu. Louco é quem não faz uso destas armas.

Se esta vida recolhida for sustentada pelos Sacramentos, ainda em mais segurança estaremos. As quedas nos mostram que devemos recorrer ainda mais frequentemente ao seu uso. O Sacramento da Penitência foi estabelecido não somente para perdoar os pecados que se cometeram, mas ainda para conferir graças particulares que afastam dos pecados que ainda se poderiam cometer, graças que fortificam contra as paixões que os fizeram cometer. Neste Sacramento, concebemos mais horror ao pecado.

A Santa Comunhão também é um meio poderosíssimo. O santo Concílio de Trento, falando da divina Eucaristia, diz: *“Jesus Cristo quis que esse Sacramento fosse recebido como o alimento espiritual das almas, alimento que as sustentasse e fortificasse e como um antídoto pelo qual fôssemos libertos das faltas diárias e preservados dos pecados mortais”*. Se há estado em que a alma tenha necessidade premente de um socorro particular que a sustente no bem, que a fortifique contra os inimigos da sua salvação, que a preserve dos pecados mortais, esse estado é, sem dúvida, esse em que se acha a alma sujeita às tentações.

Esse Pão dos Céus é o antídoto poderoso. Privar-se dele acarretará ainda mais culpa para a alma, ante ao bem que lhe é oferecido. A alma que está ocupada desse grande objeto,

está repleta de sentimentos de piedade. Seu coração busca rejeitar tudo o que o assedia contra este sentimento. Toma-se a decisão de não admitir coisa alguma que possa se opor às graças que solicita.

Para concluir, a todos esses meios de se premunir contra as tentações a que uma alma está exposta, pode-se juntar a penitência. Ela atrai graças, humilha o espírito, amortece as paixões, expia os pecados, as faltas, as infidelidades, desperta o fervor, excita à vigilância.

ORAÇÃO FINAL

† Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Amém.

Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois Vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora de nossa morte. Amém.

† Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Amém.





AULA 29

OS ESCRÚPULOS

Orações iniciais, descritas no início do conteúdo desta disciplina.

Sumário: Nesta aula sobre os escrúpulos, são estudadas sua definição, natureza, sintomas e tipos. O escrúpulo é um temor irracional de pecar que leva a uma constante dúvida, inquietação e angústia espiritual, prejudicando a paz interior e afastando a pessoa dos Sacramentos. Diferenciamos o escrúpulo da dúvida comum e da consciência timorata. O escrúpulo é um defeito perigoso. Descrevemos os diferentes tipos de escrúpulos (em matéria de fato, de direito, graves, leves) e suas causas, que podem ser internas (como temperamento melancólico), externas (influência demoníaca), ou até permitidas por Deus para purificação espiritual. Concluímos mostrando os principais objetos de escrúpulos, como orações, confissões, correções fraternas, e predestinação. Buscamos distinguir a origem dos escrúpulos e como lidar com eles espiritualmente.

DEFINIÇÃO, NATUREZA E SINTOMAS



escrúpulo é uma espécie de temor vão de pecar, causado por apreensões que não têm motivo algum. É uma pena de espírito, uma ansiedade de alma que faz com que a pessoa creia ofender a Deus em todas as suas ações e nunca se sinta suficientemente satisfeita com seus deveres. Outros autores dizem que é uma dúvida que não é fundada, ou que possui uma fundamentação mui ligeira, e que perturba a consciência e a enche de inquietações. Por isso, Santo Afonso Maria de Ligório diz que o escrúpulo é um vão terror, um receio extremado de achar pecado onde realmente não o há, nascendo na alma uma angústia que a torna irresoluta e inquieta.

O homem, repleto de escrúpulos, só vê uma série de pecados em todas as suas ações e em Deus vingança e cólera. O temor de pecar ou de haver pecado em tudo e a toda hora, o contínuo pavor que só repousa nos mais fracos indícios, enche o coração de angústias e de perplexidades, falseia o juízo, destrói a paz interior, gera a desconfiança e a tristeza, afasta a pessoa dos Sacramentos, altera a saúde do espírito e até mesmo a do corpo. Nada é mais nocivo, diz Santo Afonso Maria de Ligório, naquele que tende à perfeição e que se deu a Deus, do que os escrúpulos. “*Essas almas são loucas*”, diz Santa Teresa, “*pois, com os seus escrúpulos, acabarão por não mais ousar dar um passo na trilha da perfeição*”.

Entretanto, não se deve confundir a dúvida com o escrúpulo, nem o escrúpulo com a consciência timorata. Explico.

Na dúvida, a alma, por prudência, julga dever ficar indecisa entre dois partidos, atendendo às razões de ambas as partes que lhe parecem contrabalançar-se. O mesmo não se dá com o escrúpulo. Se o temor não dominasse o escrupuloso, ele acharia muitas luzes em si mesmo para se resolver e para julgar que o oposto do escrúpulo é mais provável. Aliás, a dúvida propriamente dita não inquieta nem aflige o espírito, ao passo que o escrúpulo se torna o tormento incessante do escrupuloso. A razão desta diferença é fácil de apreender: a dúvida tem um fundamento ao menos aparente, e o escrúpulo não o tem! Por isso, os santos teólogos dizem que nunca é lícito agir contra a consciência duvidosa, e que, ao contrário, se pode e se deve agir contra o escrúpulo, como se verá mais adiante.

Há outras pessoas que, confundindo o escrúpulo com a delicadeza de consciência, consideram-no como uma virtude: enganam-se estranhamente! Longe de ser uma virtude, o escrúpulo é um defeito — e dos mais perigosos. Uma consciência escrupulosa prejudica mais a alma do que uma consciência demasiadamente fácil e por demais relaxada.

Também se confunde a consciência timorata (repleta de temores) com a consciência escrupulosa. A consciência timorata evita os menores pecados, com juízo e tranquilidade; a escrupulosa, ao contrário, age sem fundamento, com perturbação e inquietação; o que faz com que esteja sempre agitada e transtornada.

EIS OS SINAIS OU SINTOMAS PELOS QUAIS SE CONHECEM AS ALMAS ESCRUPULOSAS

- Recear incessantemente nas suas confissões, não ter uma verdadeira dor.
- Recear pecar nas menores coisas, como, por exemplo, fazer um juízo temerário, faltar à caridade ou ceder aos maus pensamentos.
- Ser inconstante nas suas dúvidas, mudar incessantemente de sentimento sob a mais leve aparência, julgando uma mesma ação ora lícita, ora ilícita.
- Fartar-se frequentemente de reflexões minuciosas e mesmo extravagantes sobre as mais ligeiras circunstâncias das suas ações.
- Não se ater, sobre isso, ao parecer do seu confessor e mostrar muito apego ao próprio senso; consultar várias pessoas, pesar-lhes as razões e só se ater a si mesmo.
- Agir com ansiedade, com certa perturbação que tira a atenção e o discernimento, que embaraça a liberdade e retém a alma cativa.

Tais são os principais sintomas das consciências escrupulosas. Mas a quem é que pertence pronunciar-se em semelhante matéria? Ao confessor; porquanto o escrupuloso nunca acredita que o é; acredita sempre que os seus escrúpulos são verdadeiros pecados. Está na sombra, não vê a sua consciência: só o juiz espiritual é que pode vê-la; e é por isso que o penitente deve seguir-lhe os conselhos, e, se for reconhecido como escrupuloso, deixar-se tratar como acometido desta moléstia. Pelo contrário, se quiser decidir por si mesmo, quanto mais quiser tranquilizar-se tanto mais se perturbará e se porá em risco de perder-se.

DIFERENTES ESPÉCIES DE ESCRÚPULOS

Podem-se distinguir diversas espécies de escrúpulos: uns são em matéria de fato, e outros em matéria de direito. Há escrúpulo em matéria de fato quando, por exemplo, a pessoa receia ter consentido num mau pensamento, não haver confessado bem um pecado, ou ter esquecido alguma circunstância, etc. Há escrúpulo em matéria de direito quando, por exemplo, se acredita que há pecado quando não o há; que uma coisa é proibida, quando não o é; que uma ação é culposa, posto que o não seja.

Há escrúpulos em matéria grave quando, por exemplo, se receia que uma ação que se fez ou que se deve fazer seja pecado mortal; donde vem que, depois de a haver feito, a pessoa se considera como um inimigo de Deus e como objeto de sua aversão. Há-os em matéria leve quando se receia que uma ação que se fez ou que se quer fazer, mesmo a mais inocente, é desagradável a Deus, e se considera a Deus como um amo severo, sempre irritado e descontente, que só tem para o escrupuloso censuras e ameaças, e que breve deve abandoná-lo para puni-lo das suas infidelidades.

Há, finalmente, a tentação do escrúpulo e o consentimento na tentação. A tentação consiste no temor e na angústia que empolgam o coração do escrupuloso e lhe fazem ver pecado onde absolutamente não o há. O consentimento na tentação consiste em que o escrupuloso, em vez de resistir aos seus escrúpulos, a eles se deixa arrastar, escuta-os, examina-os e os revolve cem e cem vezes na mente, embora fique sempre igualmente embaraçado. Finalmente, deixa-se ele persuadir de haver pecado, e não tem repouso enquanto não depositar o seu escrúpulo aos pés de um confessor.

EIS OS PRINCIPAIS OBJETOS DOS ESCRÚPULOS

As orações – os escrupulosos torturam-se no tocante à maneira como fazem as suas orações: desatenção, distrações, omissões, dissipação, tibieza; racham a cabeça, enleiam-se, acabrunham o espírito com isso; e tantos esforços, ao invés de lhes afastar os temores, só são próprios para produzi-los em turba.

As confissões – quantas inquietações não têm os escrupulosos sobre as suas confissões passadas! Que desejos de as repetir incessantemente! Que tormentos se são impedidos disso! Confissões gerais, confissões anuais, confissões particulares, confissões sem dor, confissões sem fruto, eis aí outras tantas inquietações que roem os escrupulosos.

As correções fraternas – menos hábeis não são eles em forjar mil quimeras no tocante às maledicências ouvidas, às maledicências repetidas, às maledicências não impedidas, do que sobre a curiosidade excessivamente grande para com a conduta do próximo, e sobre o excesso de covardia em repreender os que fazem mal.

Os motivos das ações – novo motivo de aflição e de tristeza para o escrupuloso: o motivo das ações, sobretudo nas coisas indiferentes e de conselho. O grande desejo que eles têm, de referir tudo à glória de Deus, leva-os a crer que eles nunca têm intenção pura, e que

só têm intenções contrárias. Se dão esmola, imaginam ser por vaidade; se comem, é por sensualidade, etc.

Sobre a predestinação – o escrupuloso não compreende o mistério da predestinação; procura compreendê-lo; acredita-se reprovado, e ei-lo sem coragem, caindo às vezes numa espécie de demência.

As perguntas perigosas que ele se faz a si mesmo – o escrupuloso lança-se de vez em quando em tentações delicadíssimas, pelas perguntas perigosas que faz a si mesmo: *“Que faria eu se me achasse em tal ou tal caso? Estaria disposto a cumprir o meu dever, a derramar o meu sangue, etc.?”* E sobre isso se atormenta, e julga-se culpado daquilo que imagina haver entrevisto nas suas disposições.

As tentações – Quem não sabe que o escrupuloso teme sempre haver consentido em molestas tentações que o demônio lhe suscite? Ele confunde o sentimento com o consentimento, a tentação com a vontade; daí um motivo inesgotável de perturbações.

PRINCÍPIOS DOS ESCRÚPULOS

A tentação do escrúpulo, separada do consentimento, deve a sua origem a vários princípios. Às vezes vem de nós mesmos, do nosso próprio fundo, de um princípio interior e natural, e às vezes vem de fora, de um princípio exterior e violento, do demônio; outras vezes, enfim, vem do alto, pela permissão do próprio Deus.

O nosso próprio fundo é, muitas vezes, a única fonte do escrúpulo, que nasce ora de um temperamento frio, melancólico e naturalmente disposto à dúvida e ao temor; ora de um temperamento fleumático ou de uma imaginação demasiadamente viva, ou de fragilidade ou de pequenez de espírito; de uma falsa ideia que se forma de Deus, de sua justiça, da sua conduta para com as suas criaturas; às vezes, de austeridades demasiadamente grandes, da frequência de pessoas escrupulosas; não raro, do orgulho, que produz a obstinação; outras vezes, da ignorância, que resiste àquilo que não sabe; da leitura de livros teológicos ou demasiadamente eruditos, que só deixam no espírito aquilo que pode embaraçar, embora lisonjeando o amor-próprio que pretende compreender tudo e tudo saber.

O escrúpulo vem também da falta de discernimento entre o pecado mortal e o venial, entre o pensamento e a reflexão, entre a inclinação e a vontade, entre a negligência e o consentimento; vem, muitas vezes, de um grande aquecimento de cabeça que dá uma tensão forte às fibras do cérebro, e que com isso torna a pessoa suscetível de diversos movimentos, de diversos pensamentos confusos; ou vem da timidez natural, que facilmente se alarma, ou da vivacidade da imaginação, que pinta vivamente tudo o que se receia, ou, enfim, de um desejo excessivo de certeza naquilo que concerne à salvação.

A tentação do escrúpulo vem, não raras vezes, de um princípio exterior e violento — do demônio. É o sentimento de Santo Antonino, de Caetano e de todos os teólogos. Isso sucede principalmente quando a pessoa escrupulosa não tem os defeitos naturais de que acabamos de falar, mas, ao contrário, tem o espírito bom, esclarecido, e os humores bastante temperados. Os escrúpulos vêm também do demônio, quando empolgam uma alma com tal

impetuosidade que ela não pode resistir, e quando lhe representam os objetos com uma vivacidade sobre-humana. É esse um indício de um princípio extraordinário e violento; porquanto a natureza age mais brandamente e permanece senhora de si mesma quando quer. Se o Inimigo das almas as aflige pelas tentações, é que quer fazê-las cair em todos os desregramentos que diremos ao falarmos dos maus efeitos produzidos pelos escrúpulos.

Em certo sentido, pode-se dizer que Deus é, às vezes, a causa dos escrúpulos, por isto que, tirando o bem do mal, se serve deles, numa conduta misericordiosa, para fazer progredir ou para castigar as almas. Sem dúvida, Ele não é o princípio e o autor das nossas ilusões; mas, por vistas reservadas à sua suma sabedoria, Ele não dá as luzes que as dissipariam. Por esta privação de luzes, Deus pune certas almas, faz-lhes expiar as suas infidelidades, como vemos que Ele punia outrora os egípcios enviando-lhes um espírito de aturdimento e de vertigem que os fazia errar em todas as suas obras e cambalear como um homem ébrio: *“Dominus miscuit in medio eius spiritum vertiginis, et errare fecit Egyptum, in omni opere suo, sicut errat ebrius et vomens”* — *“O Senhor misturou no meio deles um espírito de vertigem e fez o Egito errar em todas as suas obras, como um bêbado que erra e vomita”* (Is 19, 14).

Deus permite, principalmente, esta tentação para punir os soberbos; às vezes Ele sofre que potências cheias de luz e de capacidade para conduzir os outros se tornem cegas e incapazes de conduzir-se a si mesmas, e permite-o quer para mantê-las na humildade, quer para lhes ensinar, por sua própria experiência, a conduta que devem seguir para com os outros. Por esse meio, ainda, Deus reanima o fervor e o zelo nas pessoas túbias, e dispõe certas almas para as mais altas virtudes, porque esse estado as confunde, lhes faz perder a confiança em si mesmas, as coloca na trilha dos méritos, fazendo-lhes procurar, não as consolações de Deus, porém o Deus das consolações. Foi assim que Santa Teresa e tantos outros foram elevados ao auge da perfeição.

Deus serve-se também dos escrúpulos, não como um remédio para curar o mal que já se fez, mas como um antídoto para prevenir o mal que se poderia fazer, consoante o pensamento de São Gregório sobre Jó: *“Nonnunquam quisque percutitur, non ut praeterita corrigat, sed ne ventura committat”* — *“Às vezes, alguém é punido não para corrigir o que passou, mas para que não cometa erros no futuro”*. Era assim que Ele provava São Paulo, com medo de que a grandeza das suas revelações causasse a este sentimento de elevação.

Enfim, muitas vezes Deus se serve dos escrúpulos como de um crisol para purificar ainda mais as almas, e para lhes aumentar o mérito, como muito bem o diz o célebre João de Jesus Maria, geral dos Carmelitas, no seu Tratado da Oração. É também o que São João da Cruz confirma no capítulo quarto da sua Noite Escura, onde diz: *“Quando Deus quer admitir uma alma à perfeita união e à noite do espírito, fá-la passar por trabalhos espantosos: ora permite que ela seja afligida pelo espírito de fornicação, que ateia um fogo infernal na carne; ora pelo espírito de blasfêmia, que põe na boca palavras que a gente não ousaria pronunciar; ora pelo espírito de vertigem, que obscurece a alma por mil escrúpulos e perplexidades; o que, diz ainda o mesmo santo, faz um dos mais rudes aguilhões, um dos mais tristes horrores dessa noite”*. Eis aí por que Deus permite que os seus melhores amigos sejam às vezes atormentados por escrúpulos. Que este pensamento console as almas que passam a vida nessa espécie de purgatório; que as excite a suportar pacientemente essa provação.

Conquanto a tentação do escrúpulo venha, as mais das vezes, do demônio, é no entanto verdadeiro que o consentimento no escrúpulo vem sempre do escrupuloso; vem da sua imaginação viva e mal fortificada, que recebe sem distinção todos os fantasmas que se lhe apresentam, ao invés de rejeitar os que são contrários à razão; vem do seu entendimento desregrado, que se conduz pelo movimento de uma imaginação acalorada, em vez de conduzir-se pelas luzes da razão e da fé. Vem ainda do amor desregrado que ele tem a si mesmo. Vem de não saber compreender os bons conselhos para curar os escrúpulos.

Os escrúpulos de temperamento fazem-se ordinariamente conhecer por uma melancolia profunda, por uma timidez excessiva em todas as coisas, por uma vã sutileza que chicana sobre tudo, por uma obstinação, por uma teimosia que os faz sempre voltar às suas primeiras ideias, e que impede as melhores ideias de lhes repontar na mente; donde resulta uma grande indocilidade que não lhes permite render-se à verdade.

Sabe-se que os escrúpulos vêm do demônio por causa de uma escuridão especial que mostram em seus efeitos; eles sempre esfriam a alma para o bem e a fazem sentir aversão a ele. Fazem parecer que seus problemas são incuráveis e inspiram sentimentos de desespero. Por fim, levam a alma a uma estranha contradição consigo mesma, fazendo com que ela considere coisas leves como gravíssimas, enquanto permite, sem remorso, outras que às vezes são muito graves.

Para reconhecer os escrúpulos que vêm de Deus, deve-se prestar atenção aos motivos que os fazem nascer e aos efeitos que eles produzem. O motivo deles é um grande temor de ofender a Deus; e, embora esse temor exceda os limites, todavia parte de um bom princípio que, no fundo, é a caridade. Os seus efeitos são: um horror mais sensível ao pecado, uma fuga exata das ocasiões, uma reforma sempre mais perfeita da vida passada, esforços mais generosos para avançar na virtude.

ORAÇÃO FINAL

† Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Amém.

Eu vos vejo, ó soberana bondade, como um ser infinito, e a mim mesmo como um nada diante de Vós. E, embora sejais infinito e eu nada, permaneço sempre cheio de confiança em Vós. Meu nada espera em Vossa amável infinidade com ainda mais segurança precisamente porque Sois infinito. Espero em Vós, diante de quem sou um verdadeiro nada... Eu sou Vosso, ó Senhor, salvai-me (Sl 119, 94).

† Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Amém.





AULA 36

O EXAME DE CONSCIÊNCIA

Orações iniciais, descritas no início do conteúdo desta disciplina.

Sumário: Nesta última aula sobre o exame de consciência, ressaltamos sua importância no progresso espiritual e na correção de defeitos pessoais, destacando a prática diária recomendada pelos santos e mestres espirituais. O exame cotidiano permite detectar vícios e defeitos sutis, fortalecendo virtudes e prevenindo quedas morais. Diferenciamos o exame geral, que aborda todos os pecados e falhas diárias, do exame particular, centrado em uma área específica de crescimento espiritual. Detalhamos a forma de conduzir cada tipo de exame, enfatizando a precisão, o rigor e a serenidade, e recomendamos que o exame seja acompanhado de oração, arrependimento e propósito de emenda, como forma de conservar a humildade e preparar-se melhor para a confissão e a vida eterna.

IMPORTÂNCIA DO EXAME QUOTIDIANO DA NOSSA CONSCIÊNCIA

Como a primeira condição para bem nos confessarmos é examinar a nossa consciência, destinaremos as seguintes meditações a este exame. Consideraremos: 1º A importância do exame cotidiano da nossa consciência; 2º A importância do exame preparatório para a confissão. Tomaremos depois a resolução: 1º De fazermos com exatidão, todas as tardes, o nosso exame de consciência; 2º De empregarmos um particular cuidado em examinarmo-nos bem antes da confissão.



odos os santos e todos os mestres da vida espiritual são unânimes em apresentar o exame cotidiano da consciência como o meio mais eficaz de corrigir os defeitos e progredir nas virtudes. Os mesmos filósofos pagãos ordenavam aos seus discípulos que se examinassem cada dia sobre estes três pontos:

— **Que fiz eu? Como o fiz? Que deixei de fazer?**

É porque efetivamente sem este exame bem feito cada dia não nos conhecemos a nós mesmos. Há em nós vícios tão encobertos, desmanchos tão ocultos, desordens tão sutis, que não os descobrimos senão à força de sérias reflexões. Acontece com a alma, que não se examina, ou que se examina mal, o mesmo que com uma vinha que, por falta de cultura, se

cobre de abrolhos e espinhos; ou o mesmo que com o negociante que, por não verificar cada dia as suas contas, deixa piorar o estado da sua fortuna sem disso ter ideia.

Por falta de exame, os vícios crescem na alma, e as virtudes somem-se; sem que o advirtamos, o estado da consciência vai sempre piorando; e é tal a ignorância em que se está de si próprio, que nem sequer disso se suspeita. A alma embota-se, perde a sua força, não se guarda já das tentações e ocasiões perigosas, e neste estado, está próxima da sua perdição.

Ao contrário, com o exame quotidiano, conhecemos as nossas culpas e reparamo-las; dizemos conosco esta tarde:

“Cometi certa falta hoje, dela me emendarei amanhã; observo no meu coração certa má inclinação, vou combatê-la”.

Cada dia dizemos conosco:

“Terei esta tarde de verificar o emprego do meu tempo, a minha fidelidade à graça”.

E este pensamento desperta a vigilância, excita a atenção, e impede que os maus hábitos se formem. Demais, o conhecimento que o exame quotidiano nos dá das nossas próprias misérias, conserva a humildade, afasta a presunção, dispõe-nos a confessarmo-nos bem. Finalmente, o exame quotidiano, quando é acompanhado da contrição perfeita, como deve sempre ser, livra a alma do perigo de uma morte súbita, imprevista, pois que a contrição supre o sacramento quando não é possível recebê-lo.

Examinemos se ligamos a este exercício toda a importância que merece, se o fazemos cada dia a uma hora prefixa.

IMPORTÂNCIA DO EXAME DE CONSCIÊNCIA ANTES DA CONFISSÃO

Entende-se aqui uma confissão santa ou uma confissão sacrílega.

Se, por uma notável falta de exame, se omite a acusação de um só pecado mortal, a confissão é nula e a absolvição sacrílega: que coisa mais grave?

Ao contrário, se cada vez que nos confessamos, fazemos o exame como deve ser, a confissão purifica a alma quanto ao passado, e fortifica-a para o futuro: que coisa mais consoladora?

Todavia, quantas vezes nos acontece fazer este exame de leve, contentarmo-nos com um rápido golpe de vista lançado como que de passagem sobre o tempo decorrido depois da última confissão?

Pensem nisto seriamente. O caso é dos mais graves: vai nisto a nossa vida eterna.

MANEIRA DE FAZER O EXAME DE CONSCIÊNCIA

Meditaremos na maneira de fazer o exame de consciência, e veremos: 1º Os caracteres deste exame; 2º Os atos que devem acompanhá-lo. Tomaremos depois a resolução: 1º De observarmos no nosso exame as regras indicadas pelos santos; 2º De o fazermos com uma sincera dor das nossas culpas e com um firme propósito de emenda.

Adoremos em Jesus Cristo o perfeito conhecimento que tem dos nossos pecados. Nem um só Lhe escapa; conhece todas as suas circunstâncias, penetra toda a sua malícia: muito diferente dos homens, que não descobrem muitas vezes senão as aparências, que se deixam surpreender pelas prevenções e ficções do amor-próprio. Louvemos este amável Salvador, que se digna fazer-nos participantes da Sua divina luz, para conhecermos a fundo todos os nossos pecados.

CARACTERES DO EXAME DE CONSCIÊNCIA

Este exame deve fazer-se *com exatidão, rigor e sossego*.

Com exatidão, isto é, que deve abranger:

1º O mal que se cometeu, o bem que se devia fazer e que se não fez, o bem até que se fez mal;

2º Os pecados para com Deus, para com o próximo, para conosco; os pecados externos, provenientes dos sentidos, principalmente da língua; os pecados internos, que são os pensamentos, os desejos, as inclinações, as intenções que não se dirigem a Deus;

3º O número de vezes que pecamos, o princípio ou a origem desses pecados, as suas circunstâncias e consequências.

Para alcançar esta exatidão, compreende-se que convém empregar uma solícita investigação, não parar na superfície mas penetrar até ao fundo das coisas. É assim que fazemos?

Com rigor, isto é, que, sem ouvir o amor-próprio ou a ternura natural, que nos induz a desculpar-nos, a ocultar as nossas culpas a nós mesmos, ou ao menos a minorá-las, devemos examinar-nos como um juiz examinaria um réu, ou como nós mesmos examinaríamos um estranho. Quem se examina com demasiada indulgência não vê muitas vezes senão ninharias onde há culpas graves: por exemplo, em certas maledicências, aversões ou invejas; em certas despesas de luxo, certas perdas de tempo, certas vaidades e certos desejos de se fazer conhecer.

Não nos enganamos frequentes vezes sobre muitos pontos, por não empregarmos bastante rigor nos nossos exames de consciência?

Com sossego, isto é, que não devemos atormentar a nossa consciência com o receio de esquecer algumas culpas; mas proceder a este exame com a tranquilidade de espírito do administrador que põe em ordem as suas contas, do juiz que instrui um processo, do médico que estuda um doente. Para que perturbarmo-nos, inquietarmo-nos? Uma falta de memória não é imputável a pecado. Quem tem a reta intenção de dizer tudo, um sincero desejo de se dar a conhecer, uma vontade bem decidida de nada encobrir, e emprega no exame tempo razoável, diz quanto é preciso. Deus não exige que digamos tudo o que fizemos, mas o que nos lembra; e tudo o que esquecemos é perdoado, como se o declarássemos.

Consolador pensamento muito próprio para nos obrigar a fazer os nossos exames de consciência com sossego, liberdade e simplicidade de coração!

ATOS QUE DEVEM ACOMPANHAR O EXAME DE CONSCIÊNCIA

Este exame de pouco nos serviria, se não fosse senão um estudo filosófico a respeito do estado da nossa consciência. Para que nos seja verdadeiramente útil, deve ser acompanhado de três principais exercícios de piedade:

1º Antes do exame, convém pormo-nos na presença de Deus, adorá-Lo como nosso juiz, conservarmo-nos humildemente a Seus pés como pobres delinquentes, e pedir-Lhe a Sua luz, que é a única que pode descobrir as nossas culpas sem despertar as nossas paixões.

2º Depois do exame, convém excitarmo-nos ao arrependimento das nossas culpas, deplorar tê-las cometido, formar firme propósito de não as tornar a cometer, e particularizar o que fizemos para isso: as resoluções vagas e muito gerais nenhum resultado têm.

3º Convém pormo-nos no estado em que desejaríamos achar-nos na hora da morte, e terminar unindo-nos ao coração de Jesus Cristo, a esse coração tão cheio de horror ao pecado e de amor para com a penitência, que é a expiação do pecado.

É deste modo que fazemos os nossos exames de consciência? É por não cumprirmos estas santas práticas que tantos exames de consciência não nos têm mudado. Condenamos o pecado sem condenar o pecador, e ficamos sempre os mesmos.

O EXAME PARTICULAR DE CONSCIÊNCIA

Meditaremos: 1º Na natureza e importância do exame particular de consciência; 2º Na maneira de o fazer. Tomaremos depois a resolução: 1º De cumprirmos fielmente daqui em diante este exercício; 2º De o fazermos consoante as regras dos mestres da vida espiritual.

Adoremos Nosso Senhor que, desejando que nos tornemos perfeitos, nos ensina, pelos mestres da vida espiritual, o exercício do exame particular de consciência como um dos mais poderosos meios de salvação. Demos-Lhe graças por esta benevolência, sempre atenta ao que pode ser útil à nossa alma.

NATUREZA E IMPORTÂNCIA DO EXAME PARTICULAR DE CONSCIÊNCIA

A diferença que há entre o exame geral e o exame particular de consciência, é que o primeiro abrange todos os pecados que podemos cometer no dia ou no espaço de tempo sobre que nos examinamos, enquanto que o exame particular tem pôr fim um objeto especial, por exemplo, um vício, uma virtude, um exercício, mormente a paixão dominante, que é o lado fraco pelo qual estamos mais expostos a perder-nos. Este exercício é de grande importância:

1º Porque é justo prover antes de todo ao lado por onde a nossa salvação mais periga; ora cada homem tem na alma um lado fraco, pelo qual o demônio mais o ataca, imitando nisto o general de um exército, que para tomar uma cidade estuda o seu lado mais fraco e dirige para aí todos os seus esforços;

2º Porque a nossa atenção, espalhada por todas as nossas misérias ao mesmo tempo, obrará menos eficazmente que se concentrássemos, toda a nossa energia sobre um ponto particular;

3º Porque, refreado o principal vício, conseguiremos facilmente refrear todos os outros, como se derrota facilmente um exército cujo chefe mataram.

Examinemos aqui a nossa consciência:

Temos apreciado, como devemos, o exame particular? E fazemo-lo assiduamente cada dia?

Empregamos nele a atenção necessária para buscar conhecer as nossas maiores culpas sobre a matéria, que é o objeto dela?

Não o fazemos nós algumas vezes com muita negligência, por que não avaliamos toda a sua importância nela?

Não nos temos persuadido de que uma exata indagação das nossas menores culpas nos tornaria mais escrupulosos, e que podíamos dispensar-nos de a fazer?

MANEIRA DE FAZER O EXAME PARTICULAR DE CONSCIÊNCIA

Para fazer bem este exame, convém:

1º Fixar o seu objeto, escolhendo o vício, a paixão que é a origem mais ordinária das nossas tentações e das culpas, ou a virtude mais oposta, a esse vício, por exemplo, a humildade para os soberbos, a caridade fraternal para os que estão mais expostos a falhar a ela, a mortificação para as almas muito ternas para com elas mesmas, a mansidão e a paciência para

os gênios ríspidos, a castidade para as almas tímidas, a conformidade com a vontade de Deus, a perfeição das ações costumadas, e outras práticas, segundo as necessidades de cada um. Entremos aqui em nós mesmos: temos nós um objeto de exame particular bem adaptado às necessidades da nossa alma? Se o não temos, fixemo-lo desde hoje.

2º Depois de escolhido o objeto, convém dividir as suas partes ou relações, examinarmos certo tempo, por exemplo, sobre as palavras contrárias à humildade, ou à caridade, ou à paciência; mais tarde, sobre os atos opostos a estas virtudes; mais tarde ainda, sobre os pensamentos e sentimentos contrários.

3º Feito o exame de consciência, convém notar por escrito ou ao menos reter bem na memória o número dos pecados, e impormo-nos uma penitência proporcionada ao número deles, por exemplo uma pequena esmola: será, além de uma boa obra, um meio fácil de conhecermos as nossas culpas.

4º Depois de termos feito este exame à vista de Deus, na presença de Jesus Cristo, nosso juiz, convém desaprovar as nossas culpas, pedir perdão delas, tomar resoluções de nos observarmos melhor para o futuro, e orar para obtermos a graça da nossa conversão.

É desta maneira que fazemos cada dia o nosso exame particular de consciência.

ORAÇÃO FINAL

† Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Amém.

Ah! Meu doce Redentor, Vós fizestes isso por mim, sem eu Vo-Lo ter pedido. Não somente me resgatastes da morte a preço de vosso sangue, também aos meus parentes e amigos, de sorte que me é permitido esperar que, reunidos todos, juntos gozaremos de Vós para sempre no paraíso. Senhor, eu Vos agradeço e Vos amo e espero agradecer-Vos e amar-Vos eternamente nessa bem-aventurada pátria.

Ó Maria, ó minha Mãe das dores, obtende-me a santa perseverança. Fazei-o pelo amor de Jesus Cristo.

† Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Amém.





Nossa Senhora Auxiliadora, rogai por nós!

Santíssima Virgem Maria a quem Deus constituiu
Auxiliadora dos Cristãos,
nós vos escolhemos como Senhora e
Protetora desta casa.

Dignai-vos mostrar aqui Vosso auxílio poderoso.
Preservai esta casa de todo perigo: do incêndio, da
inundação, do raio, das tempestades,
dos ladrões, dos malfeitores, da guerra e de todas as
outras calamidades que conheceis.

Abençoai, protegei, defendei, guardai como coisa vossa
as pessoas que vivem nesta casa.

Sobretudo concedei-lhes a graça mais importante,
a de viverem sempre na amizade de Deus,
evitando o pecado.

Dai-lhes a fé que tivestes na Palavra de Deus,
e o amor que nutristes para com Vosso Filho Jesus e
para com todos aqueles pelos quais
Ele morreu na Cruz.

Maria, Auxílio dos Cristãos, rogai por todos que
moram nesta casa que Vos foi consagrada.

Amém.